UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE HISTÓRIA DA ARTE

Uma exposição em imagens - a exposição "Lugar de árvore é no museu?" (2015) no Museu Florestal Octávio Vecchi

Natália Ferreira de Almeida

Guarulhos, 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE HISTÓRIA DA ARTE

Uma exposição em imagens- a exposição "Lugar de árvore é no museu?" (2015) no Museu Florestal Octávio Vecchi

Monografia de Conclusão de Curso apresentada à Universidade Federal de São Paulo como requisito para a obtenção do título de Bacharel em História da Arte, sob orientação da Prof.ª Dr.ª Letícia Coelho Squeff.

Natália Ferreira de Almeida

Guarulhos, 2015

ALMEIDA, Natália Ferreira de.

Uma exposição em imagens- a exposição “Lugar de árvore é no museu?” (2015) no Museu Florestal Octávio Vecchi / Natália Ferreira de Almeida. – Guarulhos, 2015.
154 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História da Arte) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de História da Arte, 2015.

Orientadora: Letícia Coelho Squeff.

1. Museu Florestal Octávio Vecchi. 2. Serviço Florestal. 3. Instituto Florestal do Estado de São Paulo. 4. Museologia. 5. Museografia.

NATÁLIA FERREIRA DE ALMEIDA

Uma exposição em imagens- a exposição "Lugar de árvore é no museu?" (2015) no Museu Florestal Octávio Vecchi

Monografia de Conclusão de Curso apresentada à Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em História da Arte.

Aprovação: ____/____/_____

Profª. Dra. Letícia Coelho Squeff
Universidade Federal de São Paulo – Departamento de História da Arte.

Profª. Dra. Manoela Rossinetti Rufinoni
Universidade Federal de São Paulo – Departamento de História da Arte.

Profª. Dra. Yanet Aguilera Viruez Franklin de Matos
Universidade Federal de São Paulo – Departamento de História da Arte.

Agradeço à minha orientadora, Professora Letícia Coelho Squeff, pela atenção e incentivo, fundamentais para que pudesse concluir este trabalho.

Às profesoras Yanet Aguilera Viruez Franklin de Matos e Monoela Rossinetti Rufinoni, por participarem da minha avaliação e pelas grandes lições durante a graduação no curso de História da Arte, em sala de aula e atividades de extensão, exemplos de dedicação sincera, afeto e entusiasmo.

Os agradecimentos se estendem a todos professores com quem tive a felicidade de conviver, aprender e admirar nos anos de estudo na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH) da Unifesp, pessoas engajadas com a missão de contribuir com o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e humana.

Agradeço aos companheiros de jornada, colegas de estudo, de tarefas e seminários, de caronas e de conselhos, muito importantes na minha formação proporcionando vivência constante de solidariedade, tolerância, generosidade e colaboração.

Agradeço aos meus colegas de trabalho do Instituto Florestal pelo apoio e amizade.

À minha família, pela presença e conforto em todos os momentos.

.

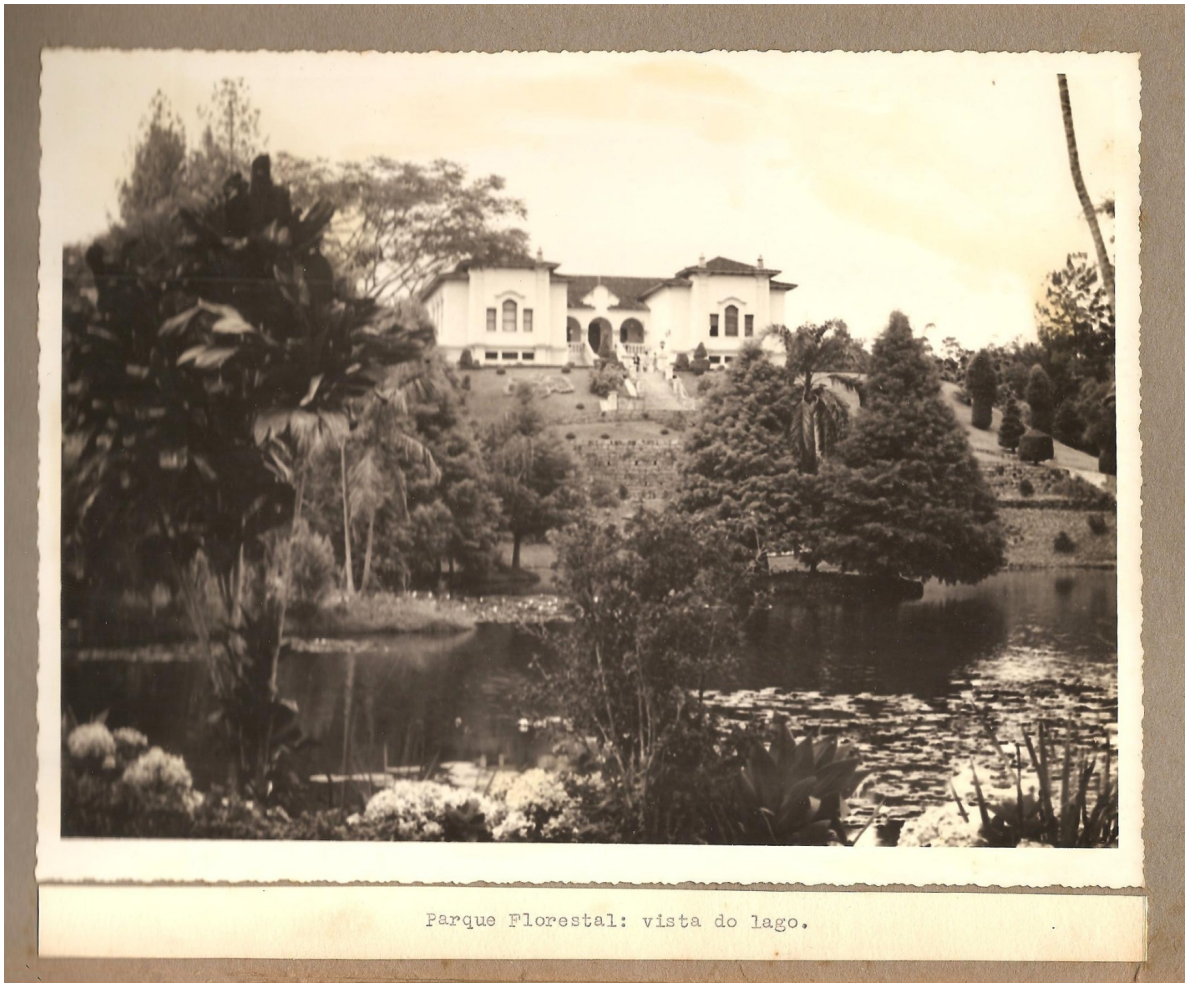


Imagem: Fotografia da fachada do Museu Florestal, sem data (década de 1940).

RESUMO

O Museu Florestal Octávio Vecchi foi construído na área de uso público do Horto Florestal de São Paulo - Parque Estadual Albert Löfgren, entre os anos de 1928 a 1931. O museu abrigava, desde então, uma coleção composta de amostras de madeira em discos e toras, material botânico, obras de arte, entre aquarelas, óleo sobre tela, pintura mural, além da estruturas arquitetônicas como assoalhos e forros feitos em madeira e vitrais artísticos. O Parque Estadual Albert Löfgren é Unidade de Conservação cuja história confunde-se com a do próprio Serviço Florestal, atualmente designado Instituto Florestal e vinculado à Secretaria de Meio Ambiente do Governo do Estado de São Paulo.

A presente monografia dispõe-se a fazer um relato do processo de concepção e montagem da exposição “Lugar de árvore é no Museu? – O Museu Florestal Octávio Vecchi conta a sua história.”, exposta entre 18 de maio a 28 de setembro de 2015 no espaço de exposições de curta duração do Museu Florestal Octávio Vecchi, organizada pela própria equipe do museu. A monografia faz um relato imagético e textual da exposição, articulado à história do Museu Florestal Octávio Vecchi.

Palavras-chave: Museu Florestal Octávio Vecchi – museografia – museologia.

ABSTRACT

The Forest Museum Octavio Vecchi was built in the area of public use of the Horto Florestal de São Paulo - State Park Albert Löfgren, between the years 1928 to 1931. The museum housed since then, a composite collection of wood samples in records and logs, botanical material, works of art, including watercolors, oil on canvas, mural, as well as architectural structures such as floors and ceilings made of wood and artistic stained glass windows. The Albert Löfgren State Park is conservation area whose history is intertwined with the own Forest Service, Forest Institute currently assigned and linked to the Department of Environment of the State of São Paulo.

This work sets out to give an account of the design process and display exhibition "Tree Place is the Museum? - The Forest Museum Octavio Vecchi tells his story, "exposed between May 18 to September 28, 2015 within short exposures Forest Octavio Vecchi Museum, organized by the museum's own staff. The work makes an imagistic and textual account of the exhibition, linked to the history of Forest Museum Octavio Vecchi.

Keywords: Forest Museum Octavio Vecchi – museography - museology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO ……. p. 9.

1. A EXPOSIÇÃO E A HISTÓRIA A SER CONTADA ……. p. 11.

1.1 O contexto da emergência das instituições de pesquisa no estado de São Paulo, criação da Comissão Geográfica e Geológica da Província de São Paulo e do Horto Botânico ……. p. 13.

1.2 A criação do Museu Florestal do Estado……. p. 21.

1.2.1 Originalidade do Museu Florestal, o vínculo com a pesquisa científica e a diversidade do acervo ……. p. 28.

1.2.2 Precedentes do Museu Florestal: O Museu do Eucalipto e os Mostruários de Loreto ……..…….. p. 35.

1.2.3 Os Mostruários de Loreto ……..… p. 39.

1.3 O acervo do Museu Florestal ..…… p. 50.

1.3.1 Produções da casa e acréscimos de acervo …… p. 54.

1.3.2 Os entalhes botânicos do acervo do Museu Florestal … p. 57.

2. UMA EXPOSIÇÃO EM IMAGENS - *A EXPOSIÇÃO "LUGAR DE ÁRVORE É NO MUSEU?" (2015)* NO MUSEU FLORESTAL OCTÁVIO VECCHI p. 71.

2.1 Montagem ……..…p. 74.

2.2 Relatório fotográficos da expografia …….. p. 76.

2.3 Relatório fotográfico das atividades ……... p. 106.

2.4 Avaliação da recepção do público ……..…… p. 119.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS ……. p. 122.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ……..…… p. 126

INTRODUÇÃO

Em um prédio de dimensões modestas e fachada em estilo neocolonial, localizado em um parque público no extremo norte da cidade de São Paulo, o Museu Florestal Octávio Vecchi abriga exemplares de madeiras dispostos de maneiras peculiares, obras notáveis, singelas, delicadas e grandiosas, que convivem e despertam questionamentos acerca da intencionalidade contida na criação daquele lugar.

Concebido no final da década de 1920 e inaugurado oficialmente em setembro de 1931, o museu sofreu diversas alterações em sua expografia, além de reformas estruturais e acréscimos de acervo resultantes da incorporação de produções artísticas e científicas desenvolvidas no seio da instituição que integra, atualmente designada Instituto Florestal.

A virada do Século XIX para o XX foi um marco importante na consolidação e implantação de instituições científicas no estado de São Paulo, dentre elas, o Serviço Florestal do Estado então ligado à Secretaria de Agricultura, Comércio e Indústria. Atualmente, sob o nome de Instituto Florestal, o órgão é subordinado à Secretaria de Estado do Meio Ambiente.

Atualmente, do ponto de vista de sua organização administrativa, o museu integra uma Seção Técnica do Instituto Florestal do Estado de São Paulo, órgão da administração pública direta do Governo Estadual.

As características únicas do acervo, a trajetória de seu criador e a relação com a instituição a que foi e esta vinculado possibilitam diferentes estudos.

O advento da 13ª Semana de Museus, de 18 a 24 de maio de 2015, que teve como tema “Museus para uma sociedade sustentável”, promovida no âmbito nacional pelo Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM, integrado ao Ministério da Cultura do Governo Federal, por sua vez, motivou a equipe do

Museu Florestal a realizar uma exposição tematizando o próprio museu, por sua afinidade com o tema.

A exposição “Lugar de árvore é no Museu? – O Museu Florestal Octávio Vecchi conta a sua história.” foi apresentada entre 18 de maio a 28 de setembro de 2015 no espaço de exposições de curta duração do Museu Florestal Octávio Vecchi. Ela foi elaborada pela equipe do museu, que contava no momento com 08 pessoas, incluindo quatro estagiários com dedicação de 4 horas (três do ensino médio e um do curso de história), um funcionário terceirizado (limpeza) e três servidores públicos de dedicação exclusiva, dentre eles eu, como responsável pelo expediente do museu.

Esta monografia se dispôs a discutir a exposição, transitando por algumas questões pertinentes ao contexto em que o museu foi criado. A exposição de curta duração em debate foi organizada com objetos do museu, dispostos de modo a ilustrar, a título de síntese, o caráter peculiar dessa instituição que integra pesquisa e arte. Entre os objetos apresentados, pode-se mencionar instrumentos relacionados à pesquisa, um livro de botânica ilustrado por Octávio Vecchi, móveis, projeção de vídeos, fotografias, matrizes de xilografia, peças de charão (laca japonesa), bem como móveis e material botânico.

A exposição, como uma das linguagens de comunicação típicas das instituições museológicas e veiculação da pesquisa merece atenção no campo da história da arte. Ela pode ser vista como uma espécie de narrativa que envolve e organiza objetos diferentes de modo a criar significados e discursos a respeito da instituição e da sua história.

1. A EXPOSIÇÃO E A HISTÓRIA A SER CONTADA

Tendo a presente monografia como objetivo relatar a exposição de curta duração realizada no período de 18 de Maio a 28 de Setembro de 2015, cabe ressaltar que o problema central no desenvolvimento tanto da exposição como no trabalho é a identidade institucional do museu, sua relação com a pesquisa científica desenvolvida no Serviço Florestal e sua vocação didática.

Cabe descrever rapidamente o processo de elaboração da exposição. Inicialmente, foi feito um trabalho de prospecção, com a finalidade de resgatar a memória do projeto expográfico original, com ênfase no caráter científico-pedagógico.

Foi realizado um comparativo entre imagens antigas e atuais do Museu Florestal, em especial da expografia das décadas de 1940 e 1950, visando resgatar a memória e história do museu, sua vocação e potencial como espaço de divulgação científica e de educação ambiental.

Como um dos problemas centrais da exposição “Lugar de árvore é no museu?” era investigar a intencionalidade do Museu, bem como os fundamentos para a criação de um museu florestal e os objetivos da comunicação museológica, a pesquisa buscou encontrar os escritos de Octávio Vecchi (1878-1932). Como idealizador do museu, seus textos revelariam valor inestimável acerca de cada um dos aspectos das diferentes obras do acervo original, das inspirações presentes no desenvolvimento do projeto e as expectativas acerca da impressão dos visitantes. Contudo, o material encontrado nos arquivos do Museu até agora deixa muito a desejar.[1]

[1] Apesar de merecer maior dedicação, os esforços para encontrar textos de autoria de Octávio Vecchi se estenderam a outras locais de documentação do Instituto Florestal, como Biblioteca; uma pesquisa preliminar no Arquivo do Estado de São Paulo e solicitações de

No vazio dessas, pela não localização, durante a pesquisa, de documentos com tal teor, são analisados documentos outros, como mensagens deixadas nos livros de visita dos primeiros anos de funcionamento, os Relatórios da Agricultura, matérias jornalísticas, documentos administrativos.

Com relação à participação intensa de Octávio Vecchi na concepção do Museu há fotografias até há pouco tempo desconhecidas, de um álbum de sua autoria em que é possível observar o referências do acervo inicial, além dos desenhos arquitetônicos do projeto, originais assinados por Vecchi que atualmente compõem o acervo.

Com relação aos Relatórios de Agricultura, documentos apresentados pelo Secretário da Agricultura, Industria e Commercio (Dr. Fernando Costa, nos anos de 1928 a 1929 e Eugenio Lefèvre, em 1930) ao Presidente do Estado de São Paulo (Dr. Julio Prestes de Albuquerque, de 1928 a 1929, sendo que em 1930 foi endereçada ao Interventor Federal) é certo ponderar que, no tocante às atividades do Serviço Florestal, eles eram subsidiados pelas informações transmitidas pelo Diretor do próprio Serviço Florestal, ou seja, pelo próprio Octávio Vecchi entre os anos de 1928 e 1931.

Outros relatórios técnicos elaborados pela chefia do Museu Florestal também serviram de fonte para a pesquisa. Embora datados, a partir do final da década de 1930, fazem referência ao projeto de Vecchi, bem como narram diferentes atividades que foram sendo introduzidas na Seção Técnica.

---

informações junto à administração Floresta Estadual Navarro de Andrade (uma das sedes da antiga Companhia Paulista de Estada de Ferro, instituição em que Vecchi trabalhou entre os anos de 1911 e 1927). Conforme indicações da orientadora, esse tema merece uma pesquisa mais cuidadosa em outras instituições, inclusive na Biblioteca Nacional, Museu Ferroviário, entre outros, tarefa que poderá ser feita numa futura pesquisa.

Essa monografia divide-se nas seguintes etapas. No primeiro capítulo, trata da emergência das instituições de pesquisa voltadas às chamadas ciências naturais no Estado de São Paulo. A seguir, discute diretamente a história do Museu Florestal. Finalmente, no capítulo III, há uma descrição do processo de organização da exposição de curta duração "Lugar de árvore é no Museu? – O Museu Florestal Octávio Vecchi conta a sua história", com fotos da exposição.

1.1 O contexto da emergência das instituições de pesquisa no estado de São Paulo, criação da Comissão Geográfica e Geológica da Província de São paulo e do Horto Botânico

No final do Século XIX, o estado de São Paulo era o grande expoente da cafeicultura brasileira que, por sua vez, era a maior produtora de café do mundo. Entre 1880 e 1929, o Brasil produzia três quartos do café comercializado no mundo e 95% da produção nacional era escoada pelo porto de Santos (CALDATTO BARBOSA, 2004, p. 28.).

O desenvolvimento acentuado no auge da cafeicultura e do modal ferroviário, cabe sublinhar, estão imediatamente ligados ao avanço da devastação florestal.

> "De 1890 a 1900, o número de cafeeiros praticamente duplica, passando de 220 para 520 milhões de pés. A safra de 1901 atinge perto de 8 milhões de sacas, crescendo quase cinco vezes em apenas cinco anos! Como corolário direto desta situação, elevam-se os índices de derrubadas anuais, com médias de 150.000 hectares, de tal forma que já em 1907 o Estado havia sido despido de 5.960.000 hectares, apresentando seu território um percentual ameaçador de 58% de mata." (VICTOR ET. AL., 2005. p.18.)

À expressiva produção de café, aliava-se uma rede ferroviária bem integrada e centros comerciais estruturados, rede bancária já constituída e uma indústria nascente. A despeito do crescimento econômico, a exclusão social

e a miséria eram muito presentes. Reinava no imaginário social de todo o país, em grande parte propagada pela literatura, a idéia de São Paulo como uma terra atrasada, sertaneja, isolada, com resquícios cultura instaurada por homens rudes e violentos, os Bandeirantes. (MOI, 2008).

Nessa tensão entre moderno e arcaico, havia a influência cada vez mais presente dos "letrados", uma geração de filhos de bem-sucedidos produtores que regressavam de estudos na Europa ou se diplomavam nas universidades paulistas, como a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, fundada em 1827.

As filosofias positivista e evolucionista (eminentemente a Darwinista) e o liberalismo político permeavam o ambiente intelectual de São Paulo; a crença na ciência como mola propulsora do progresso social estava difundida entre a elite industrial e agrícola que, por sua vez, participava ativamente da política e formava-se uma atuante "burocracia técnico-científica".[2]

Somava-se, ainda, a tendência relativamente recente da promoção, pelos órgão governamentais nacionais, de financiar comissões e expedições de pesquisa científica, o que passa a ocorrer na década de 1870. Antes disso, as expedições, realizadas por cientistas e artistas viajantes eram financiadas por governos estrangeiros, como a *Expedição Langsdorff* (que esteve no Brasil entre 1822 e 1828 e fora custeada pelo czar Alexandre I da Rússia)[3], ainda que com o aval e benefícios para a coroa. [4]

---

[2] O termo "burocracia científico-tecnológica" (Nicolau Sevcenko) é propício para definir parte de uma elite política-econômica paulista - proprietários de terras, industriais, comerciantes, engenheiros, médicos e outros - que participavam do governo desse estado. Para essa elite, que compartilhava da cultura e dos ideários políticos vigentes na capital federal e do restante do país, a cidade e o estado paulista que estavam em franco crescimento - deveriam atingir definitivamente o "progresso" e a "civilidade". E isso só seria possível pela via da ciência. (SEVCENKO, 1998, p.17 *apud* MOI, 2008)

[3] CÂNDIDO, Luciana de Fátima. "Expedição Langsdorff: a [re]construção do conhecimento através dos relatos de viagem" In *Brasiliana Digital* - Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, 2010/2012. Acesso em 20/04/2015. http://www.bbm.usp.br/node/80

[4] A exceção é a única expedição organizada pelo governo imperial, nos anos 1850, da qual participaram artistas de ponta, bem como o poeta Gonçalves Dias, organizados em torno do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. A expedição ficou conhecida como "Expedição das Borboletas".

É nesse contexto, então, numa perspectiva de inclusão dos paradigmas de modernização pautada na ciência na esfera das políticas públicas de desenvolvimento regional e, assim, a promoção da imagem de uma São Paulo moderna, que surge a **Comissão Geográfica e Geológica da Província de São Paulo - CGG**, criada pela Lei Provincial nº 9, de 27 de março de 1886.

A composição de uma comissão formada por intelectuais, cientistas estrangeiros e brasileiros notáveis, conferia também ao grupo uma missão civilizarória, levando a ciência e olhando através da ciência o potencial ainda silente de São Paulo.

No tocante ao programa geral de ações, o objetivo da CGG era o estudo dos diferentes aspectos do território paulista para orientar a sua ocupação e exploração econômica, incluindo a identificação de terras agricultáveis propícias para a expansão da cultura cafeeira, que ambicionava ocupar o oeste do estado e a elaboração da *Carta Geral* do território paulista.

Ainda que a instituição tenha sido fundada para subsidiar os interesses empreendedores da elite política e econômica, em especial a expansão do cultivo do café e o mapeamento de fontes de recursos naturais para exploração econômica (como metais e minérios), teve, como "contrapeso", o perfil naturalista de seu chefe Orville Adelbert Derby (1851-1915), geólogo estadunidense que integrara a Comissão Geológica Imperial do Brasil entre 1875 e 1877 (esta comandada pelo também naturalista, o inglês Charles Frederick Hartt) e seu plano científico que privilegiava um estudo aprofundado das características da região, destoando do engajamento utilitarista que motivara politicamente a formação da CGG.[5]

[5] "O chefe e proponente do plano científico institucional foi o naturalista e geólogo Orville Adelbert Derby (1851- 1915), norte-americano graduado na Universidade de Cornell (EUA) que trabalhava no Brasil desde 1875, primeiro como membro da Comissão Geológica do Império (1875-1877) e, a seguir, na Seção de Geologia do Museu Nacional. Por sua concepção de ciência e pelas características de sua formação, Derby imprimiu à CGG, no período em que esteve na direção da instituição (1886-1905), um enfoque que classificamos

Como diversas instituições de pesquisa ainda hoje existentes, o Serviço Florestal (denominado, a partir de 1970, Instituto Florestal) tem como referência de origem a Comissão Geográfica e Geológica da Província de São Paulo – CGG, em especial, a Seção de Botânica.[6]

Pela sua especificidade, a Seção de Botânica da CGG tem como marco inicial a data de nomeação do naturalista sueco Johan Albert Constantin Löfgren (1854-1918) para chefiar a Seção de Botânica e Meteorologia da Comissão Geográfica e Geológica, em 10 de abril de 1886. Uma das preocupações de Albert Löfgren era a criação de um local de estudos sobre o desenvolvimento e aplicação de espécies botânicas locais e exóticas, bem como para a instalação de uma estação meteorológica.

Em 1888, ele apresentou um projeto para a criação de um jardim botânico que, contudo, foi rejeitado pela Assembléia Provincial em 06 de março daquele ano. A proposta recusada consistia na reativação das funções de pesquisa da área que entre os anos de 1799 a 1838 sediou a primeira

---

de 'naturalista', em virtude da abrangência disciplinar (geografia, geologia, geodésia, botânica, meteorologia, zoologia, etnografia) aliada ao caráter de descrição minuciosa. (…) Nos 15 anos seguintes a CGG não realizou qualquer expedição, tendo privilegiado os serviços de meteorologia e de botânica aplicada (também essenciais para a agricultura) e a cartografia sistemática das regiões há tempos ocupadas em São Paulo. Essa opção de trabalho, sem dúvida, contrariou diversos interesses, especialmente o dos grandes plantadores de café, que viram frustrados seus planos de avanço rumo ao Oeste. Sem possibilidade de negociar novas orientações com Orville Derby, o governo substituiu-o pelo engenheiro João Pedro Cardoso (1871-1950?), o qual, com perfil profissional e científico bastante diferente, conferiu uma marca mais pragmática, de aplicação dos saberes, a essa nova fase da instituição e permitiu que os 'batedores da ciência' finalmente penetrassem na região." (FIGUEIRÔA, 2008, p.767).

[6] "Considerada pelos Institutos de Pesquisa do Estado de São Paulo como a fundadora destas instituições, a comissão também foi responsável pela geração dos serviços públicos de apoio ao desenvolvimento da agricultura, planejamento urbano, definição dos limites de municípios, mapeamento climático, criação de museus, parques e reservas florestais. Dentre os Institutos de Pesquisa do Estado que se originaram com a CGG, destacam-se: Instituto Florestal, o Instituto Geográfico e Cartográfico, o Instituto Geológico, Instituto de Botânica, Centro Tecnológico de Hidráulica e Recurso Hídricos, Instituto Astronômico Geofísico, bem como, os núcleos formadores de acervos do Museu Paulista e do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo." (MOI, 2008.).
"Ao longo de 45 anos, o CGG foi matriz de instituições que se mantêm no sistema científico e tecnológico de São Paulo até hoje: Instituto Geológico, Instituto Geográfico e Cartográfico, Instituto de Botânica, Instituto Florestal, Instituto Astronômico e Geofísico, Museu Paulista e Museu de Zoologia." (FIGUEIROA, 2008, p.767).

iniciativa de um Jardim Botânico de São Paulo, na região central da cidade, local que corresponde em parte (cerca de 13% restantes) ao atual Parque da Luz. (ROCHA e CAVALHEIRO, p.570).

Anos mais tarde, Löfgren participou de uma comissão técnica formada também por Orville Derby e Francisco Ramos de Azevedo, todos membros da CGG, que recomendou a criação de um horto botânico e escolheu uma área próxima à Serra da Cantareira para a sua implantação. O estudo, datado de 31 de janeiro de 1896, foi acolhido e a área foi desapropriada pelo governo estadual.

Datado de 10 de fevereiro de 1896**,** o Decreto Estadual nº 335, declara de utilidade pública para desapropriação o imóvel conhecido como "Engenho Pedra Branca", para que fosse nele instalado o Horto Botânico de São Paulo, também conhecido como Horto Botânico da Cantareira. Nos anos seguintes se iniciam a introdução de espécimes da flora, nativas e exóticas.

Antes de desapropriado para esta finalidade de pesquisa, a área havia sido dedicada à produção de café e chá, não havendo remanescentes de Mata Atlântica Nativa.

Somente em 1907, por força do contido no Decreto nº 1.495, de 10/04/1907, o Horto Botânico foi desligado da Comissão Geográfica e Geológica e passou a ser subordinado à Diretoria Geral da Secretaria da Agricultura.

No ano de 1909, o órgão passa a ser denominado "Horto Botânico e Florestal", pelo Decreto n. 1.164, de 30/06/1909, que o reorganiza, destinando-o exclusivamente ao estudo científico da flora dendrológica (árvores) e à restauração das matas do Estado.

> A organização geral desse Horto foi feita somente em 1909 e tinha entre seus objetivos: estudo científico da flora paulista, organização de herbário e museu botânico, formação de parques e bosques de espécies nativas e exóticas, estudo sobre a aclimatação e o aproveitamento de essências florestais, produção e distribuição de mudas aos interessados em reconstituir ou formar matas e bosques em suas propriedades (São Paulo 1909). Também essa segunda tentativa de formar um jardim botânico foi frustrada por decisões que priorizaram aspectos

> econômicos ao invés dos científicos. (Hoehne 1940). Assim, mesmo tendo funcionado como horto botânico e tido renome nacional e internacional (Teixeira 1988), foi transformado em horto florestal em 1917 (Hoehne *et al.* 1941). (ROCHA & CAVALHEIRO. p. 580)

Com o advento do Decreto Estadual nº 2.034, de 18 de abril de 1911, é criado o Serviço Florestal que, vinculado à *Secretaria de Agricultura, Industria e Commercio* (grafia então utilizada), sucede institucionalmente o Horto Botânico e Florestal. (Extingue o Horto Botânico e Florestal, criando em seu lugar o Serviço Florestal).

O Serviço Florestal tinha como atribuições a distribuição de mudas para reflorestamento, o combate às formigas e incêndios florestais, como também a divulgação e propagação da silvicultura.

A prática da silvicultura no Brasil, cabe observar, inicia-se um pouco antes, pela atuação de instituições privadas, em especial, no caso de São Paulo, pelas ferroviárias. Em 1903, motivado por um artigo realizado por Albert Löfgren[7], é criado o primeiro Serviço Florestal do país pela Companhia Paulista de Estradas de Ferro, destacando-se os estudos e plantio em grande escala promovidos em Jundiaí, depois em Rio Claro, Araras, se espalhando por propriedades adquiridas pela Cia.

A história do Serviço Florestal do Estado de São Paulo em geral, bem como a história específica do próprio Museu Florestal, como melhor será explorada a seguir, é tangenciada pela história da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, sendo possível enxergar o trânsito de personagens entre essas instituições, bem como em outras muito relevantes que emergiam no mesmo contexto, como o Liceu de Artes e Ofícios e o Museu Paulista.

---

[7] "1903 – Löfgren publica no "O Estado de São Paulo" o artigo "Serviço Florestal de Particulares", que teve como consequência quase imediata a criação do Serviço Florestal da Companhia Paulista de Estradas de Ferro." – Informativo do Instituto Florestal Ano 3. n. 10. Imprensa Oficial, 2011. p. 02

No mesmo contexto em que é criada a CGG também surge e Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, em 1873. Cabe colocar que em 1895 sofreu reforma institucional e curricular sob direção do engenheiro Francisco de Paula Ramos de Azevedo, que integrou a CGG a partir de 1886 e participou da elaboração do relatório que indicava o local para a implantação do Horto Botânico, em 1896.[8]

Cabe salientar, ainda, que a Secretaria de Agricultura foi o berço do Museu de Zoologia, atualmente vinculado à Universidade de São Paulo e de iniciativas como o Palácio das Indústrias, concebido como espaço de exposições.

Outro fato que merece destaque é a participação de Albert Löfgren no processo de criação do Museu Paulista. De acordo com a pesquisa realizada por Silva (2006), Löfgren, chegou ao Brasil em 1874. Durante os anos de 1877 e 1880 trabalhou como engenheiro na Cia. Paulista de Estradas de Ferro, mesma empresa em que depois trabalhariam Navarro de Andrade e Octávio Vecchi. Em 1883, Löfgren foi contratado pelo comerciante Joaquim Sertório para organizar um acervo pessoal, instalado na sua residência no Largo Municipal da cidade de São Paulo (atualmente, a Praça João Mendes). (SILVA, 2006, p.73) Antes, portanto, da criação da Comissão Geográfica e Geológica da Província de São Paulo (CGG), que se deu em 1886, quando foi convidado para chefiar a Seção de Botânica e Meteorologia.

Em 1890, Joaquim Sertório vendeu sua coleção ao Conselheiro Francisco de Paula Mayrink que, por sua vez, a doou ao Governo do Estado de São Paulo no mesmo ano. As peças da coleção, chamada de “Museu Sertório”, foram então incorporadas ao acervo do “Museu Provincial”.

---

[8] “A organização de um Liceu de Artes e Ofícios na capital da então província de São Paulo dos anos 1870 foi encabeçada por um grupo de intelectuais paulistas ligados aos grandes capitais cafeeiros.” MORAES, Julio Lucchesi. A Modernidade Acadêmica: Os primeiros tempos do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. 19&20, Rio de Janeiro, v. V, n. 4, out./dez. 2010. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/ea_liceusp.htm O Liceu de São Paulo vinha se juntar a outros, mais antigos, como o do Rio de Janeiro (1856) e Salvador.

Löfgren convenceu o governo do Estado da importância das coleções oriundas do Museu Sertório e, em abril de 1891, Américo Brasiliense de Almeida Mello, então Presidente[9] do Estado de São Paulo, determina a criação do Museu do Estado, entregando a direção interina da instituição ao próprio Albert Löfgren (SILVA, 2006, p 73).

A coleção original do museu, formada do acervo de Sertório, era composta de animais taxidermizados, insetos, coleções de mineralogia, conchas, artefatos etnográfico, numismática, mobiliário e outras peças de cunho histórico, hemeroteca, quadros e gravuras; de diversidade comparada a um requintado gabinete de curiosidades moderno europeu. Löfgren teria proposto a classificação da dos objetos em cinco seções e suas respectivas séries: A - Zoologia (que englobava, por exemplo, mamíferos, pássaros, anfíbios, bem como monstruosidades e curiosidades; B - Botânica; C - Geologia e Mineralogia; D - Antropologia e Etnografia; E – História e Artefatos. (CARVALHO, 2014).

Em dezembro do mesmo ano, a atribuição da organização do acervo é transferida para a Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, com a respectiva dotação orçamentária.

O Decreto nº 21 de 1892 definiu, no âmbito da CGG, os cargos do Museu do Estado. Em janeiro de 1893 “o Museu do Estado passa a fazer parte da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo, ficando a coordenação a cargo do presidente do órgão responsável, Orville Albert Derby.” A partir de março, as coleções do Museu do Estado são alocadas no mesmo prédio em que se localizava o escritório da CGG, na Rua da Consolação.

[9] Mesmo após a Proclamação da República, a Constituição Estadual de 1891 empregou o termo “presidente” para designar o chefe do executivo estadual, o que foi mantido até a Revolução de 1930. A Constituição Estadual de 1935 passa a empregar o termo Governador.

Em seguida, duas leis modificam o destino do acervo. A lei nº 192 de 1893, determinou que a sede do Museu do Estado seria o Monumento Ypiranga e a Lei nº 200 alterou o seu nome para Museu Paulista, bem como transferiu a administração então vinculada à CGG para a Secretaria de Estado dos Negócios do Interior.

O primeiro diretor do Museu Paulista, nomeado em 1894, foi Hermann Von Ihering, que no ano anterior fora contratado para chefiar a seção de zoologia da CGG. (SILVA, 2006, p. 74). O Museu Paulista foi inaugurado em 1895, no dia sete de setembro.

Com a morte de Orville Derby, em 1915, o grande herbário da extinta Seção de Botânica da CGG, é transferido para o Museu Paulista (com isso, instala-se a Secção de Botânica do Museu Paulista). (SILVA, 2006, p. 75)

1.2 A criação do Museu Florestal do Estado

Embora exista uma referência a criação de um "museu botânico" no Decreto de 1909, que extinguia a Seção Botânica da Diretoria de Agricultura e organizava o Horto Botânico e Florestal,[10] a previsão legal do Museu Florestal consta na Lei Estadual n. 2.223, de 14 de dezembro de 1927, regulamentada pelo decreto n.º 4.464, de 26 de setembro de 1928 que, por

[10] "O Decreto de 1909, que organizava o Horto Botânico e Florestal, extinguia a Seção Botânica da Diretoria de Agricultura. Em seu artigo 2º, definia as funções da nova instituição (SÃO PAULO, 1910): "- estudo científico da flora paulista, organização do herbário do museu botânico; - aclimatação e aproveitamento de essências florestais exóticas e indígenas; - conservação e reconstituição das matas nos terrenos de propriedade do governo; -.manutenção de viveiros de essências florestais, indígenas e exóticas, para distribuição de mudas aos interessados; -estudo e elaboração de projetos de lei e regulamentos florestais". Dados sobre a real implantação do museu não foram localizados; era freqüente referir-se a museu ao se reportar não só ao espaço de exposição, mas também ao espaço da pesquisa científica. O texto legal poderia estar se reportando aqui ao herbário que havia sido iniciado nos tempos da Comissão Geográfica e Geológica. Esse decreto definia que o Horto seria dotado das seguintes instalações: "o herbário e museu botânico; parques e bosques para a formação das espécies indígenas ou exóticas cultivadas, para demonstração; estufas, estufins e campos de ensaio e de culturas permanentes destinadas à organização das florestas de propriedade do Estado" (Plano de Manejo do PEAL, 2009, p. 57).

sua vez, reorganizou o Serviço Florestal e, dentre outras determinações, definiu a organização de cinco distritos florestais, sendo que em cada um haveria de ser criado um museu.

No Relatório da Agricultura de 1928, é mencionada a aplicação da nova legislação que trata do Serviço Florestal e a diversidade de suas atribuições:

> "Como se vê na citada lei n. 2.223, ao Serviço Florestal do Estado incumbe a defesa e protecção das florestas, regulamentando as queimadas, as derrubadas, o combate á formiga, o reflorestamento e, além disso, acquisição de reservas florestaes e botânicas; a formação de parques; o estudo da nossa riquíssima flora e, por ultimo, o desenvolvimento ou, antes, a creação do amôr e culto que merecem as arvores."
>
> (Relatório da Agricultura de 1928, p. 158).

A divisão dos distritos florestais tinha como intuito aproximar dos consumidores os viveiros distribuidores de mudas, sendo que a localização das sedes observaram o critério da melhor serventia pelas vias férreas então existentes. A despeito de tal previsão e da divisão dos distritos foi organizado o Museu Florestal apenas na sede do Serviço Florestal, na capital de São Paulo.

Os Relatórios da Agricultura, apresentados pelo Secretário da Agricultura, Industria e Commercio ao chefe executivo do Estado de São Paulo, a despeito de serem bem amplos, tratando dos diversos assuntos relacionados à Secretaria, informam sobre o desenvolvimento das obras do edifício que iria sediar o museu.

Na mensagem de apresentação do Relatório de 1928, é consta que *"Foi iniciada a construcção do edifício destinado ao Museu Florestal, procedendo-se á reforma e augmento de uma estufa para o cultivo de uma colecção regional de orchideas."* (p. XXIII).

O relatório de 1930 é o que tem passagens mais extensas sobre o museu e, apesar de ser assinado pelo Secretário de Agricultura e endereçado ao chefe do governo do Estado, é possível estimar que as informações tocantes ao Serviço Florestal eram subsidiadas pelo seu próprio corpo funcional. As passagens transcritas correspondem assim a uma descrição importante sobre a o teor do projeto inicial do Museu, que acabara de ser implementado:

> "Tendo a Diretoria recebido ordens superiores para realizar sua inauguração oficial em 1930, intensificaram-se os trabalhos de terminação do Museu Florestal, pavimentação das ruas que a ele dessem acesso fácil para pedestres e automóveis, preparando-se outros detalhes usuais em tais atos. Entretanto, os acontecimentos ocorridos nos últimos três meses do ano** não permitiram tal inauguração e, por isso, vários trabalhos necessários, já iniciados, ficaram por completar. Assim é que, da pavimentação das ruas, apenas se executou uma parte, e essa mesma ficou por concluir, porque, tratando-se de estradas de grande declives, si a pavimentação a cascalho e pó de pedra, embora comprimida por máquina de 13 toneladas cedida áquela repartição pela Prefeitura da Capital, não for coberta por um indúto que não permita as violentas erosões da zona, dentro em pouco essas estradas se tornarão de difícil transito. Outra parte, pequena, ficou em terra simples, não muito facil de conservar.
>
> Para assentamento da placa comemorativa da inauguração, unicamente se assentou um bloco de granito, com disposição para comportar um relogio de sól, cilindrico e, sobre este, uma figura simbólica, *Capricornio,* por ocorrer a circunstancia de passar o respectivo tropico proximo do Museu Florestal, com uma diferença, apenas, de 50 metros, - o que, em numeros astronomicos, nada é." (pág. 103)
>
> (…)
>
> *Museu Florestal.* Na séde central do Serviço, em virtude da lei n.º 2.223, de 14 de Dezembro de 1927, regulamentada pelo decreto n.º 4.464, de 26 de Setembro de 1928, a construção do Museu Florestal iniciada em março de 1929 terminou em Dezembro de 1930. O respectivo edifício, em estilo colonial, modesto, ficou constituido por dois pavimentos – um térreo e o outro superior – contendo cada um cinco salas grandes e diversas dependencias menores. Destinando-se o Museu a colecionar todos os elementos necessarios e possiveis para o estudo completo da flora lenhosa paulista e exótica adaptável ao Estado, entomologia florestal, mapas e estatistica florestal etc., obedeceu-se, já, na construção ao criterio de organisar mostruarios de aplicação das diversas especies lenhosas. Para isso, nas salas do pavimento, entre forros e soalhos, foram aplicadas 30 especies de madeiras indigenas e exoticas, tendo-se em vista o

destino a dar a cada sala. Assim é que duas salas da direita do edificio se destinam ao estudo da flora indigena, bem como o <<hall>> de entrada; das duas salas da entrada, uma destina-se aos mostruarios de entomologia florestal e a outra a biblioteca, mapas e estatistica florestal. Nesta ultima sala, os mostruarios serão constituidos, principalmente, por madeiras exoticas, cuja cultura seja possivel em São Paulo. Na disposição de forros e soalhos de todas as salas, passagens entre elas, etc., foram escolhidos desenhos e estilos que, além de apresentarem aspetos atraêntes, puzessem em evidencia o aspecto e qualidades das madeiras empregadas. Com tal orientação, foram escolhidas, para soalhos, as especies de madeiras duras e resistentes e, para os forros, tanto quanto possivel, as madeiras leves e de aplicação em obras internas. (*sic*) (pag. 108)

Imagem: Foto da fachada do Museu Florestal contante na página 109 do Relatórioda agricultura de 1930.

Com o intuito de, sem prejudicar a iluminação diurna, ocupar pouco espaço das paredes com janelas que tirariam lugar para mostruarios diversos, abriu-se, em cada sala, apenas uma janela tripla e, em cada uma das paredes laterais, externas, abertas, á altura de 2m,80 do soalho, vidraças de ferro guarnecidas com vitrais feitos especialmente para o Museu, e de acôrdo com o assunto principal a que cada sala se destina. Dest'arte, nas duas salas de botanica indigena, os seis vitrais representam as especies nossas: *cabrepuva, ipê do campo, pinheiro do brejo, açoita-cavalo (L. divaricata), paineira e mais outra variedade de açoita-cavalo (L. grandiflora).*

Os vitrais da sala de entomologia representam diversas larvas e insetos perfeitos e a ultima (biblioteca), paisagens brasileiras, com diversos animais indigenas,

aves e mamiferos. As salas são numeradas de 1 a 5, a começar pela da frente e lado direito do edificio, isto é, - salas 1 e 2 (botânica lorestal paulista); sala 3 (<<hall>> de entrada); sala 4 (entomologia florestal); sala 5 (biblioteca, mapas e estatistica florestal). Nesta ultima sala, serão representadas, principalmente, madeiras exoticas, havendo, no entanto, necessidade de se empregarem algumas especies indigenas, na falta de qualidades suficientes daquelas, para as guarnições que a sala comporta.

As 4 salas grandes, laterais do pavimento térreo e cujos números correspondem ás do pavimento superior, destinam-se: a de n.º 1 (frente da direita do edificio) á instalação do laboratorio de física, contando, já assentada, a máquina universal <<Amsler>> adquirida a conselho do sr. dr. Ary Torres, Diretor do laboratorio da Escola Politécnica de São Paulo. Para funcionamento dessa máquina, que determina as densidades, resistencias, etc., falta, apenas, adquirir material na importancia de seis contos de réis, atemdendo á diferença de cambio existente desde a data em que foi pedido o respectivo orçamento até agora. Entretanto, pelas condições financeiras que o Estado atravessa, a terminação de tais instalações deverá ficar suspensa até ocasião oportuna.

Na mesma sala está instalado o calorimetro <<Berthelot-Mahler-Kroeker>>, já adquirido por áquele departamento e que, (inicio da p. 110:) pelos motivos supra-alegados, deve aguardar, para o seu funcionamento, a necessaria oportunidade. A sala n.º 2, anexa ao laboratorio de química, no qual, por enquanto, só existe a mesa central fixa, com tampo de azulejo branco, com dispositivo para fornecer agua, luz ou força eletrica, provida, tambem, de armarios para vidraria. A passagem correspondente ao <<hall>> de entrada ao pavimento superior está ocupada por dois armarios grandes lacados, para arrecadação de material de arquivo. Ao centro desse compartimento, uma mesa de *ipê do campo* servirá para determinados trabalhos do Museu, como preparo de quadros de frutos, herbario, etc. As duas salas laterais correspondentes ás de n.ºs 4 e 5 do pavimento superior destinam-se a mostruários da parte grosseira do Museu, como: tóras de madeiras diversas cortadas em bisel com casca; dados relativos ás propriedades sísicas; nomes botanicos e vulgares; idades aproximadas, etc. Nestas salas, onde estão colocados diversos quadros representativos de assuntos florestais, fotografias etc., existem, já, cêrca de 60 assuntos correspondentes a diversos aspectos dos distritos do interior, sementeiras, culturas florestais, etc. Outras dependencias do pavimento térreo destinam-se á arrecadação de material a figurar em exposição, vestiario de funcionarios que ali trabalham, arquivo de documentos antigos, e outras utilidades.

Com o Museu Florestal completamente instalado e em pleno funcionamento advirão, para a economia florestal do Estado, resultados consideraveis pelos ensinamentos cientificos que os dados ali fornecidos poderão fornecer. Em 31 de Dezembro de 1930 existiam no prédio, representadas em amostras de cabo torneado, 71 especies de madeiras diferentes, sendo 63 indigenas e 8 exoticas, das quais 25

> entalhadas e 46 lisas. Em cada sala do pavimento superior encontram-se, com legendas, dois pequenos quadros emoldurados em <<canela amarela>> *(N.lanceolata)*, com as amostras das madeiras que constituem o forro e o soalho, tendo cada uma o nome vulgar da especie escrito em dourado numa pequena placa de ebanite. Nos quadros destinados aos frutos, sempre que possível, naturais, das plantas indigenas, com lugares para 400 especies, já existem, (pag. 111) representadas, 139. Alguns destes frutos, de polpa carnuda e abundante, impossíveis de conservar ao natural, são moldados em cêra e coloridos de modo a representarem, em absoluto, os mesmo em natureza. Os cortices, sementes e outros detalhes são os naturais." (pags. 103; 108 – 111, do Relatório da Agricultura de 1931)

Uma faceta importante sobe a identidade do Museu é a convivência, no mesmo edifício, de espaço expositivo e de pesquisa científica, sublinhado o fato de que a localização do prédio se deu em local privilegiado de área de visitação pública do Horto Florestal.

Apesar de contar essa pretensão do seu projeto inicial, anos mais tarde se consolidará de maneira mais efetiva, funcionando o Museu como Seção Técnica a congregar pesquisa botânica, meteorológica, herbário, serviços de fotografia e cinematografia, além de atividades de difusão e enfermaria[11].

[11] Uma idéia sobre a diversidade de atividades desenvolvidas no Museu Florestal pode ser obtida pela leitura dos anexos desta monografia.

Na fotografia, pertencente ao acervo do Museu Florestal Octávio Vecchi, sem data (aprox. déc. de 1960) é possível identificar mobiliário que abrigava a coleção inicial do Herbário do Serviço Florestal integrando o espaço de exposição de longa duração (piso superior). Atualmente, o herbário da instituição se localiza em prédio próprio na área administrativa da sede do Instituto Florestal

1.2.1 Originalidade do Museu Florestal, o vínculo com a pesquisa científica e a diversidade do acervo

No início do século XX, a elaboração de projetos arquitetônicos concebidos com finalidade específica de sediar uma instituição museológica não era usual. Dessa informação, articula-se outra questão fundamental que consiste em quanto da inventividade de Octávio Vecchi o Museu Florestal carrega.

Octávio Félix Rabello de Andrade Vecchi nasceu em Lisboa, capital de Portugal, em 22 de novembro de 1878, teve formação escolar com grande viés artístico, que embora não tenha sido escolha profissional, a vocação para a música repercutiu durante os ensinos superiores, quando ficou conhecido como intérprete de fados, em Coimbra. [12]

A vinda de Octávio Vecchi ao Brasil foi motivada pelo convite de Edmundo Navarro de Andrade, pesquisador da ainda jovem área de silvicultura, um dos pioneiros no cultivo e aplicação do eucalipto, madeira de origem australiana que passou a ser utilizada pelas empresas férreas para alimentar as caldeiras e fabricação de dormentes.

As histórias do Instituto Florestal, de Navarro de Andrade e de Octávio Vecchi se entrecruzam de maneira interessante. Navarro de Andrade e

O ano de criação do Serviço Florestal do Estado coincide com o de chegada de Octávio Vecchi ao Brasil. Foi também em 1911 que Vecchi desembarca

---

[12] "Na capital portuguesa realizou seus primeiros estudos no Colégio Infantil e no Instituto Nobre de Carvalho. Aos 11 anos estudou música e violino, e se diplomou bacharel pelo Colégio Luso-Brasileiro em maio de 1892. Em seguida, fez um curso de especialização em línguas e matemática. Em 1895 concluiu os cursos de equitação, ginástica e esgrima do Real Clube Tauromáquico de Lisboa. Dedicou-se às aulas de canto em janeiro de 1898.
(…) Vecchi abandonou o canto para se matricular no Instituto Superior de Agronomia em Lisboa, formando-se engenheiro agrônomo em 1902. Rumou para Coimbra em 1903 para fazer um ano de prática na Escola Nacional de Agricultura e, nessa cidade, acredita-se que tenha estudado junto com Edmundo Navarro de Andrade, que, anos depois, o convidaria para trabalhar no Brasil." (PRIEDOLS, 2013, p.42, acerca do publicado em HOENE, 1944)

no Brasil, pelo porto de Santos, para trabalhar na Companhia Paulista de Estradas de Ferro que, por sua vez, possuía seu Serviço Florestal desde 1903.

Navarro de Andrade desenvolvia então suas pesquisas no município de Rio Claro, como superintendente do Serviço Florestal da Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

Quando o Serviço Florestal do Estado, ligado à Secretaria de Agricultura, foi instituído, em 1911 sob tal designação, por força do Decreto Estadual nº 2.034, de 18 de abril de 1911(até então se tratava do Horto Florestal), Edmundo Navarro de Andrade foi designado seu diretor geral, função que ocupou até 1916.

Navarro de Andrade e Octávio Vecchi teriam se conhecido em Portugal, quando ambos frequentaram a Universidade de Coimbra. A parceria com Navarro de Andrade rendeu algumas publicações em conjunto, destacando-se *Le bois indigènes de São Paulo: contribuition à l'étude de La flore forestiere de l'état de São Paulo,* 1916 e *Os Eucalyptos: sua cultura e exploração, 1918.*

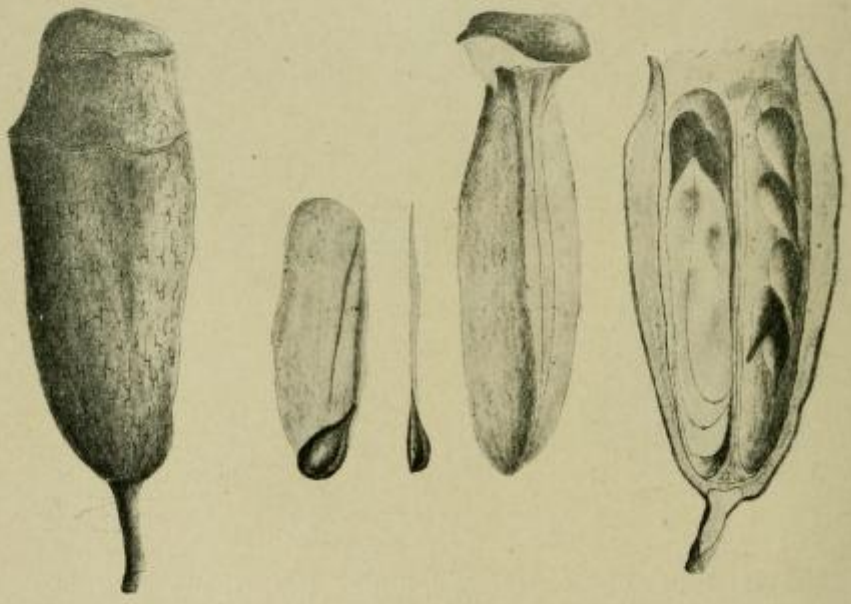
Octávio Vecchi era ilustrador científico e teria sido ele o autor das ilustrações presentes na publicação de 1916. Abaixo, segue a reprodução de duas páginas da referida publicação:

Jequitibà branco

Classification botanique *Couratari legalis* Mart.

Famille Myrtacées

Noms vulgaires Jequitibá branco, J. rosa



Jequitibá branco (2/3 gr. nat.)

Distribution Commun dans les forêts de l'État, surtout sur le plateau intérieur.

Caractères distinctifs Grand arbre qui peut atteindre jusqu'à 40 mètres de hauteur avec un diamètre de plus d'un mètre, à tige droite, rameaux pubescents dans la jeunesse. Feuilles ovales ou ovales-oblongues,

elliptiques ou lancéolées, aiguës, brillantes, alternes, courtement pétiolées. Inflorescence en panicules axillaires ou terminales, à fleurs petites, blanches ou couleur rose. Fruit pixide oblong cylindrique, operculé-dehiscent au sommet, strié longitudinalement.

Floraison et fructification Flor - Décembre - janvier. Fruct Juin-août

Bois blanc ou rose clair, à fibres droites et fines. Il est blanc quand on le coupe ; il devient rougeâtre à l'air et, en se desséchant, il passe au rose clair uniforme.

Densité 0,545 à 0,630

Usages et emplois Le bois est utilisé pour la confection des caisses d'emballage et pour la construction des plafonds; on s'en sert aussi pour la construction des pirogues.

Reprodução das páginas 202 e 203 do livro *Le bois indigènes de São Paulo: contribuition à l'étude de La flore forestiere de l'état de São Paulo,* 1916.

Conforme indicado na capa da publicação “Os eucalyptos: sua cultura e exploração”, tanto Octavio Vecchi como Navarro de Andrade eram membros correspondentes do Museu Nacional do Rio de Janeiro e membros da Sociedade Nacional de Geografia, de Washington.

Entre 1911 e 1927, Otávio Vecchi trabalhou no Serviço Florestal da Companhia Paulista de Estrada de Ferro. Entre as funções que desempenhou, foi diretor do Horto de Loreto, propriedade da Cia. Paulista de Estradas de Ferro localizado no município de Araras. No Horto de Loreto estabeleceu residência com sua família.

Octávio Vecchi se casou com Serafita Afonseca Miranda de Azevedo, irmã de Edmundo Navarro de Andrade, em 1917. (Priedols, p.49). Naturalizou-se brasileiro em 1927, ano em que foi admitido como Diretor Geral do Serviço Florestal do Estado de São Paulo. O contrato de admissão fora assinado em 28 de dezembro de 1927 e a nomeação publicada na edição de 14 de janeiro de 1928 do Diário Oficial do Estado. Trechos do relatório de agricultura, bem como de acordo com a datação das plantas do museu, indicam que Vecchi dedicou-se com afinco e prioridade à criação do Museu. Ele assinou as plantas do Museu Florestal, detalhou os desenhos e as espécies de madeiras que seriam utilizadas nos assoalhos e forros do piso superior do edifício.

Nos desenhos, além das descrições arquitetônicas, também foram previstos aspectos da expografia, como a escolha de um espaço destinado ao mostruário das pranchas de madeira, bem como aos quadros com amostras de material botânico (pranchas com exsicatas).

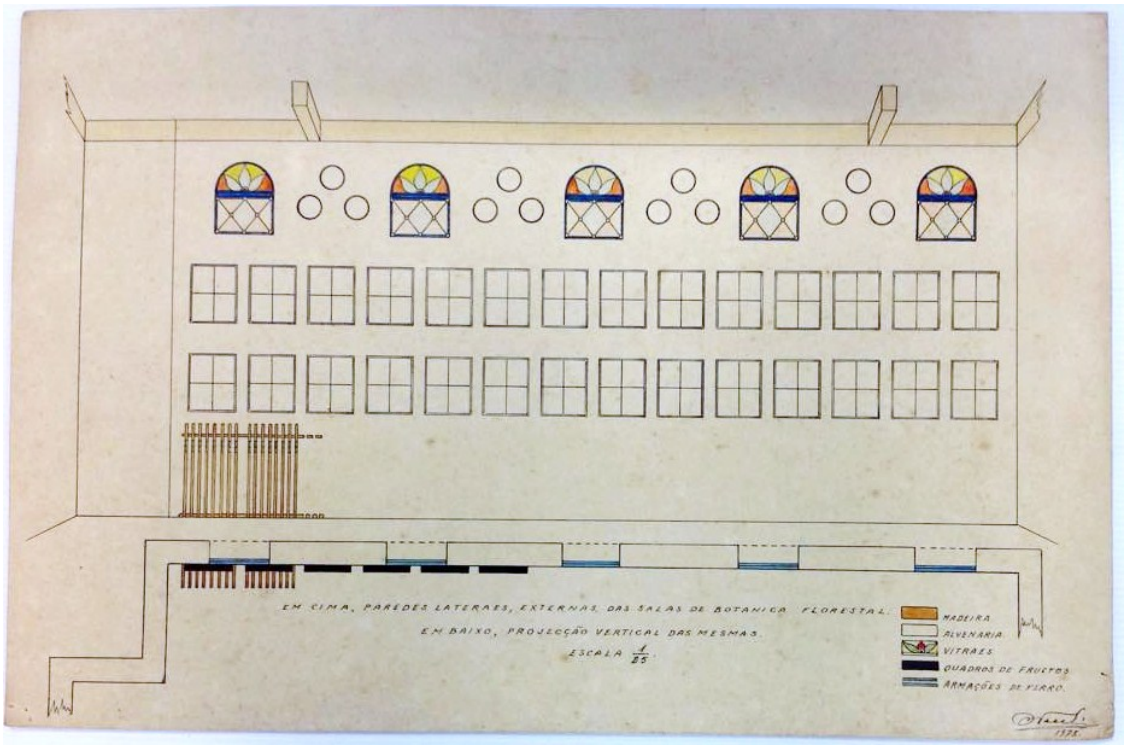
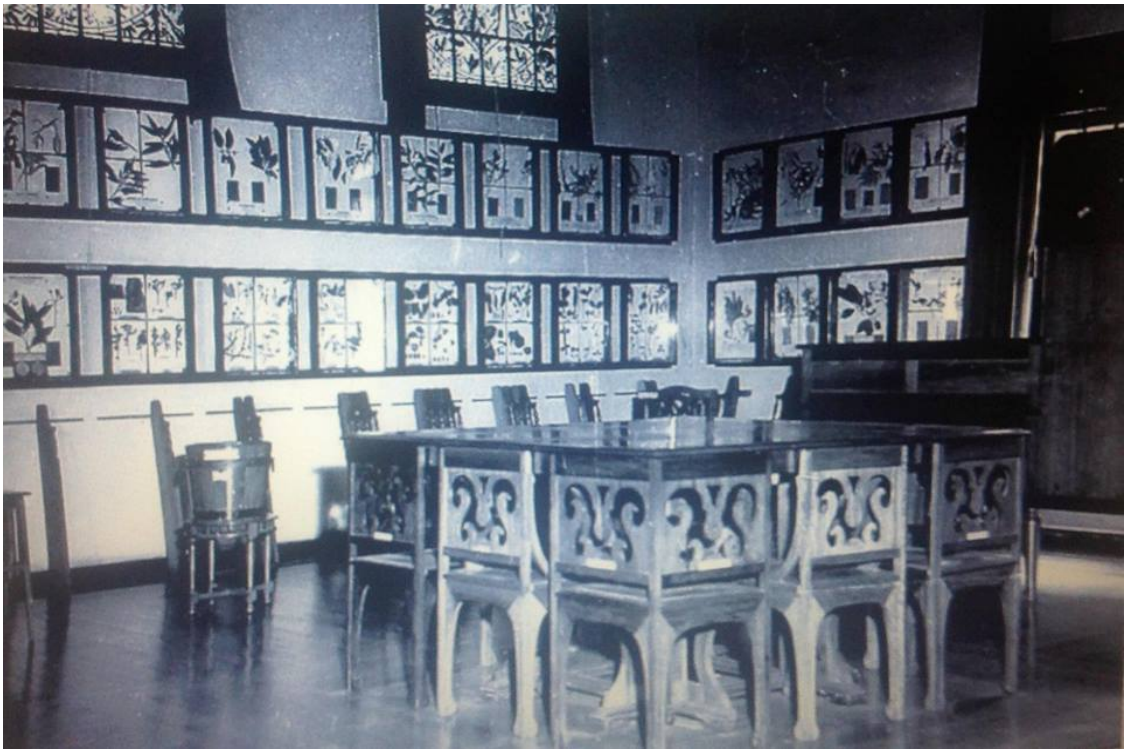


Imagem. Reprodução de planta assinada por Octávio Vecchi e datada de 1928.



Fotografia da sala correspondente ao projeto da imagem anterior (sem datação, aproximadamente década de 1940).

No ano seguinte à inauguração do Museu Florestal, Octávio Vecchi foi assassinado nas dependências da sala da antiga Diretoria Geral, que também se localizava na área do Horto Florestal, mas na zona administrativa. Em 09 de janeiro de 1932 foi alvejado no peito por tiro fatal disparado por um dos funcionários do Serviço Florestal, segundo uma versão publicada no Jornal o Estado de São Paulo da edição do dia seguinte ao ocorrido[13] o subordinado que tinha cargo de confiança estaria realizando desvios e, já sabendo que seria repreendido e demitido, compareceu armado na convocação feita pelo Vecchi.

Apesar de sua curta atividade à frente do Museu, Vecchi teve uma atuação marcada pela preocupação com a missão educativa da instituição.

> Foi na gestão do Dr. Octávio Vecchi que se realizou pela primeira vez a festa da árvore no "Serviço Florestal". E assim, no dia 21 de setembro de 1931, esta data foi comemorada de maneira significativa, havendo inclusive uma composição especial do antigo "Tranway da Cantareira" para transportar os alunos' das escolas que participaram das atividades. (IF: História e Evolução, p. 17)

Em 1948, o nome do idealizador passa a integrar o do museu, que passa a ser denominado *Museu Florestal Octávio Vecchi*, nos termos do decreto a seguir transcrito.

> **DECRETO N. 18.304, DE 18 DE SETEMBRO DE 1948**
>
> *Dá denominação de Museu Florestal "Octavio Vecchi" ao Museu do Serviço Florestal.*
>
> ADHEMAR DE BARROS, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei, considerando que o Dr. Octavio Vecchi, no exercício do cargo de do Diretor do Serviço Florestal, contribuiu de maneira excepcional para o desenvolvimento da silvicultura no Estado, considerando que entre outras iniciativas de interesse publico, o Dr. Octavio Vecchi criou e organizou o Museu Florestal do Estado, modelo entre os seus congêneres no pais e no estrangeiro;
> considerando os relevantes serviços prestados ao Estado sempre com o ânimo de bem servir à coletividade;

[13] O teor da matéria jornalística, na íntegra, foi transcrito por PRIEDOLS, 2011, p. 184. No Anexo III desta monografia foi reproduzida o recorte da notícia publicada no semanário carioca A Noite Ilustrada sobre o assassinato de Octávio Vecchi, a notícia foi localizada pelo funcionário do Museu Florestal Octávio Vecchi, Robinson Dias, em pesquisa no acervo digitalizado da Biblioteca Nacional.

considerando mais que é dever indeclinável do Estado perpetuar a memória de seus funcionários e homens publicos que serviram de paradigma a seus concidadãos,
Decreta: **Artigo 1.º** - Passa a denominar-se Museu Florestal "Octavio Vecchi" o Museu Florestal subordinado á Diretoria do Serviço Florestal, da Secretaria da Agricultura.
Artigo 2.º - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.
Palácio do Govêrno do Estado de São Paulo, aos 18 de setembro de 1948.
ADHEMAR DE BARROS
Salvador de Tolêdo Artigas
Publicado na Diretoria Geral da Secretaria de Estado dos Negócios do Govêrno, aos 20 de setembro 1948.
Cassiano Ricardo, Diretor Geral.

Uma faceta importante sobe a identidade do Museu é a convivência, no mesmo edifício, de espaço expositivo e de pesquisa científica, sublinhado o fato de que a localização do prédio se deu em local privilegiado de área de visitação pública do Horto Florestal. A atuação de Otavio Vecchi foi crucial na constituição desse aspecto do Museu.

1.2.2 Precedentes do Museu Florestal: O Museu do Eucalipto e os Mostruários de Loreto

No Horto da cidade de Rio Claro, Edmundo Navarro de Andrade fundou, em 26 de março de 1916, o Museu do Eucalipto. A semelhança de parte do acervo, como o desenho do assoalho e forro de alguns ambientes, bem como de padrões de expografia (artefatos museológicos) indicariam a participação de Octávio Vecchi na concepção e realização do Museu do Eucalipto, ainda hoje em funcionamento. (PRIEDOLS, 2011, p. 77). Por isso, foi organizada uma visita a essa instituição.

Dentre atividades desenvolvidas durante o período de exercício das atribuições no Museu Florestal que serviram de preparo para a elaboração da proposta expositiva, pode-se salientar a visita técnica realizada em 22 de outubro de 2014 em companhia de técnicos do Setor de Comunicações Técnico-Científicas - SCTC e pelo Pesquisador Científico João Batista

Baitello, todos funcionários do Intituto Florestal ao Museu do Eucalipto, em Rio Claro e às antigas instalações da sede do Horto de Loreto, em Araras, onde Octávio Vecchi foi diretor antes de assumir a direção do Serviço Florestal.

A visita técnica teve por objetivo investigar antecedentes da proposta museológica executada por Octávio Vecchi por ocasião da criação do Museu Florestal.

Na Florestal Estadual Navarro de Andrade, em Rio Claro, a visita englobou a sede da administração da unidade; o Solar Navarro de Andrade, antiga residência de Navarro de Andrade e o Museu do Eucalipto.

Imagem : Fachada do Museu do Eucalipto com busto de Navarro de Andrade, 2014.

Imagem: Uma das salas do Museu do Eucalipto em que é possível observar um mostruário de pranchas (no caso, todas elaboradas de diferentes espécies de eucalipto), chamada pelo monitor do museu de densiômetro.
Fotografia realizada em visita ao Museu do Eucalipto, 2014.

Fotografia realizada em visita ao Museu do Eucalipto, 2014.

Óleos essenciais extraídos de diferentes espécies de eucalipto.

Estante com amostras de madeiras de diferentes de espécies botânicas.

Apesar de criado em 1916, o Museu do Eucalipto passou inúmeras ampliações ao longo dos anos.

Imagem: Portal de acesso à sala número 10 do Museu do Eucalipto, feita em homenagem à Octávio Vecchi. Os pilares do pórtico guardam imensa semelhança com os presentes tanto nas dependências do Horto de Loreto, em Araras, como no andar superior do Museu Florestal Octávio Vecchi.

1.2.3 Os Mostruários de Loreto

A existência de um museu embrionário organizado por Octávio Vecchi na sede do Horto de Loreto, local em que era diretor foi por muito tempo desconhecida no Instituto Florestal, não tendo sido encontrada qualquer publicação que conte essa história.

Foi a partir de um álbum de fotos feito por Octávio Vecchi que essa informação chegou a um dos Pesquisadores Científicos do Instituto Florestal. O botânico taxonomista João Batista Baitello recebeu, por intermpedio de um colega, o álbúm que fora doado por familiares de Vecchi.

Imagem: Fachada da residência do Octávio Vecchi no Horto de Loreto, em Araras, atualmente extinto. O prédio ao lado seria o ambiente de trabalho e a coeção científica. Fotografia constante no álbum organizado por Vecchi, data entre 1913 a 1927.

Fachada da antiga residência de Octávio Vecchi no Horto de Loreto, fotografia realizada na visita técnica em 22 de outubro de 2014.

Com a privatização das ferrovias, o edifício foi adquidirido em leilão público por uma Associação sem fins lucrativos denominada Associação de Educação do Homem de Amanhã – AEHDA, que atua na assistência social, desenvolvendo projetos nas áreas de educação, meio ambiente,

desenvolvimento comunitário e eficiência energética, com ênfase na infância e juventude, dedicando-se a promover formação, cultura, lazer e inserção no mercado de trabalho[14].

A seguir, a reprodução de algumas das páginas do Álbum elaborado por Octávio Vecchi, intitulado *Flora Lenhosa do Estado de S. Paulo*, em que aparece retratado em diversas fotografias. Outras imagens advindas do mesmo álbum foram reproduzidas em outras passagens desta monografia.

[14] Conforme informações disponíveis no *site* da instituição: www.aehda.org.br

Imagem: Reprodução de àlbum do Vecchi, em que ele aparece em ambas as fotos posando encostados em exemplares de árvores nativas.

Cabe colocar aqui uma curiosidade. A espécie destacada nas fotografias, de nome popular Louveira, recebeu o nome científico de *Cy*clolobium *V*ecchi*,* em homenagem prestada pelo botânico Alberto de Sampaio, professor de botânica do Museu Nacional, que a classificou em seu trabalho *A Flora Basílica* em que consta, alpém da ilustração científica uma fotografia do Vecchi junto à árvore. (SANTOS, J.V.; 1943).

MOGY GUASSÚ.

E' LOUVEIRA a arvore que tem o tronco marcado.

acervoMF

TRECHOS DAS COLLECÇÕES
DE LORETO.

AINDA UM RECANTO DOS MOSTRUARIOS DE
LORETO.

acervoMF

FIGUEIRA BRANCA QUE SERVIU DE ABRIGO
AO NATURALISTA St. HILAIRE NA SUA VIAGEM AO
INTERIOR DE S. PAULO, EM 1919
Jundiahy.

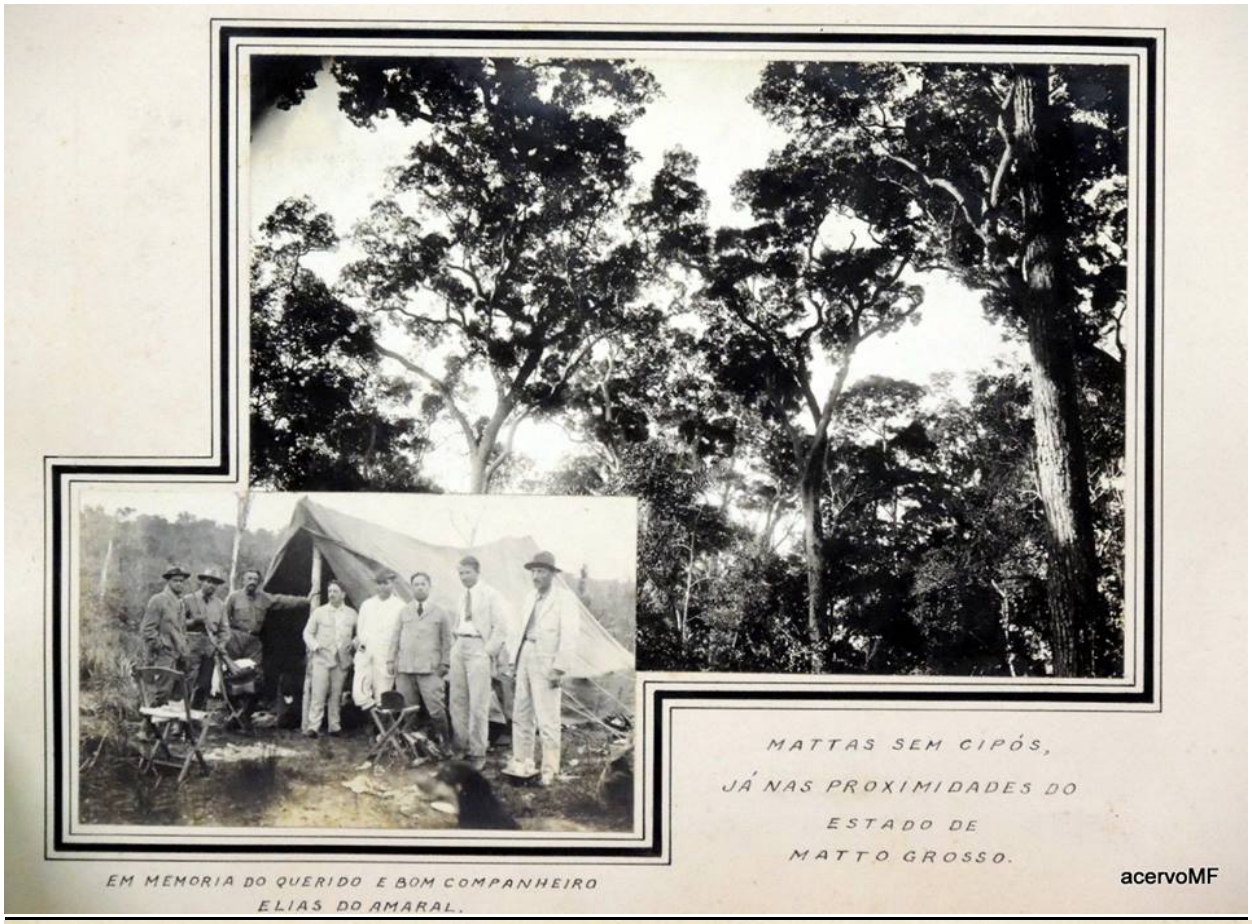
acervoMF

TRONCOS DE JEQUITIBÁ VERMELHO
Brejão.

acervoMF

TRONCOS DE FIGUEIRA BRANCA.

acervoMF

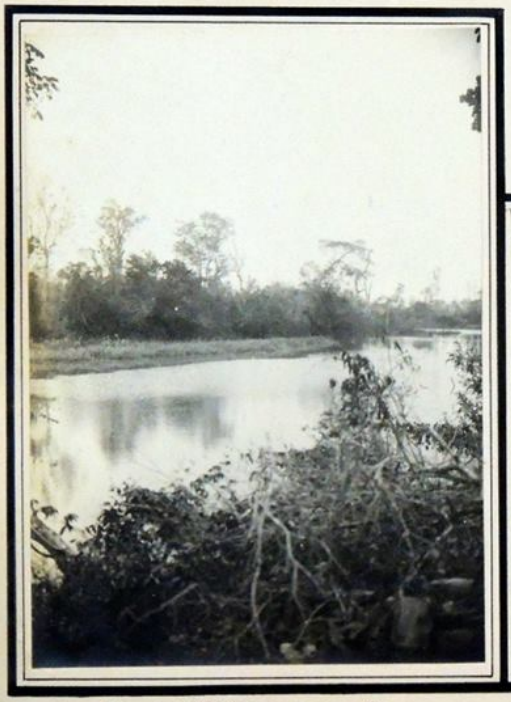


MATTAS SEM CIPÓS,
JÁ NAS PROXIMIDADES DO
ESTADO DE
MATTO GROSSO.

EM MEMORIA DO QUERIDO E BOM COMPANHEIRO
ELIAS DO AMARAL.

acervoMF

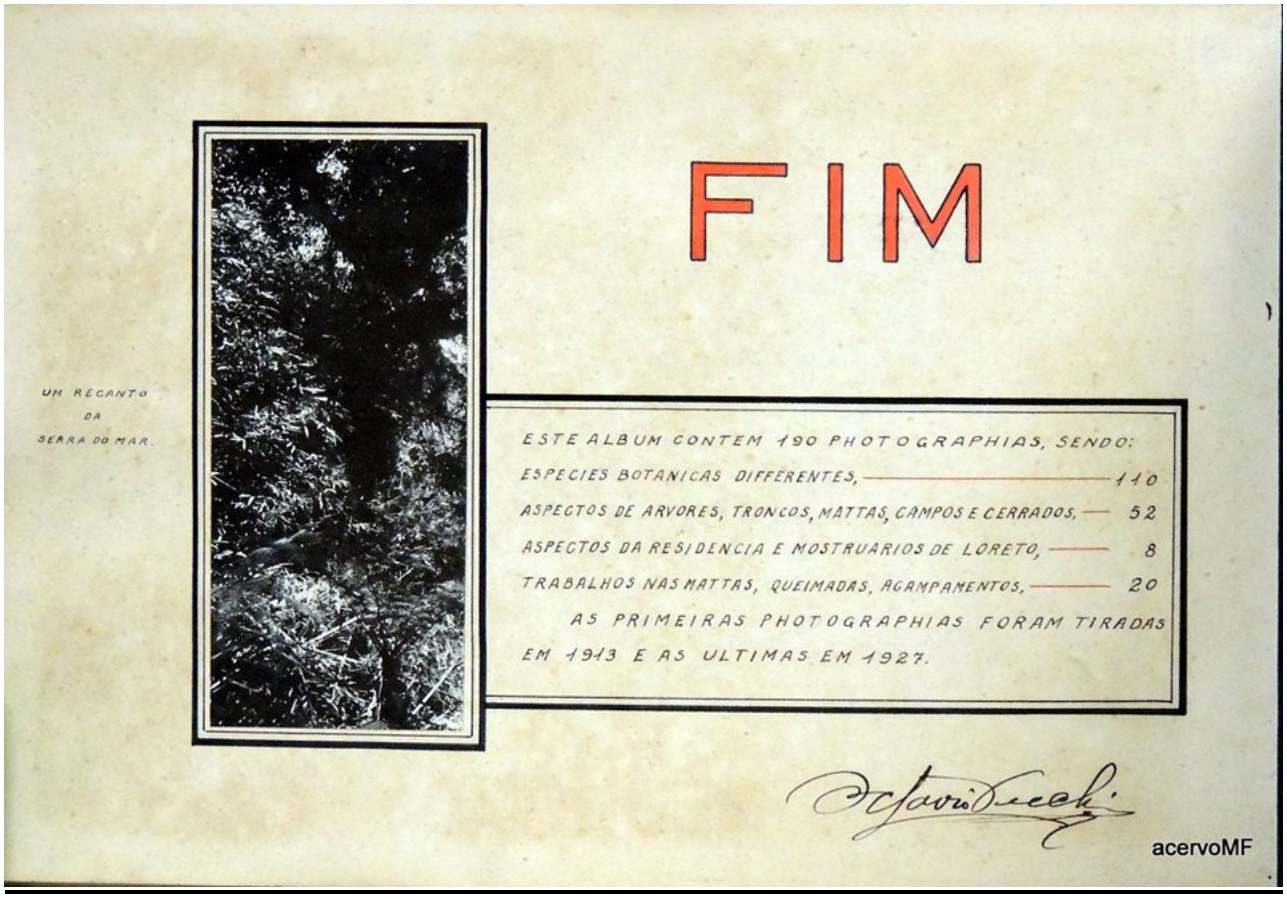
LOUVEIRAS, NAS MARGENS DO MOGY GUASSÚ.



São LOUVEIRAS a segunda e a terceira arvores da margem fronteira.

E' LOUVEIRA a arvore que tem o tronco marcado.

acervoMF



A estranha escassez de textos de próprio punho assinados por Octávio Vecchi nos arquivos do Instituto Florestal não impede que seja reconhecida a presença de Octávio Vecchi na pesquisa botânica, na silvicultura e a sua intimidade tanto com a arte como a ciência.

Conforme palestra realisada em sua homenagem no auditório da Biblioteca Municipal de São Paulo em 28 de agosto de 1943 por João Vicente Santos, na ocasião chefe da secção de de Defesa Florestal do Serviço Florestal de São Paulo, aos “Amigos da Flora Basílica”, foi no Brasil que Vecchi passa a se dedicar com paixão silvicultura (em seus estudos em Portugal, havia conseguido o grau de doutor em 1903 com tese sobre pasteurização de vinhos) sempre aliando seus conhecimentos científicos à educação artística. O palestrante, que trabalhou com Vecchi no Serviço Florestal, julga reconhecer no imigrante o mesmo maravilhamento que arrebatara o naturalista Saint Hilaire ao tomar contato como o verde escuro das matas brasileiras que é possível avistar ao longe e a diversidade da floresta quando

penetrada, que se distancia da monotonia dos bosques de carvalho e pinheiro da Europa.

Alguns trechos pinçados da palestra, que foi distrubída também em versão impressa (SANTOS, 1943) podem ser aqui destacados, inclusive a passagem em que menciona a existência da obra *Flora Lenhosa* (em estágio de elaboração, que contaria com dois volumes) :

> Além de técnico competente, possuia tambem uma aprimorada educação artistica. Desenhava e pintava admiravelmente bem.
>
> A natureza tropical o empolga e a Botanica – essa formosa filha da História Natural – o atrae, de modo que, travando relações com nossos cientistas, acaba Vecchi se dedicando ao estudo da flora lenhosa paulista.
>
> (…)
>
> De Loreto, traz grande herbário e copioso material botanico para estudo. Está então, em preparo a sua "Flora lenhosa do Estado de São Paulo", sendo seu ardente desejo concluí-la quanto antes.
>
> (…)
>
> Pois bem, meus senhores, talvez fosse a imagem dessa flora grandiosa que tem atraído os mais célebres naturalistas do mundo que fizessem brotar no seu espírito de técnico e artista a ideia da maravilhosa construção de um museu florestal, estabelecimento que se aproximasse tanto possível da floresta natural, não havendo outro local mais apropriado para a sua edificação do que aquele recanto da Cantareira, no sopé daquea serra, dentro daquela vegetação luxuriante, onde o precioso material botanico estaria ali mesmo á mão.
>
> (…)
>
> Trabalhador honesto, cientista perfeito e artista admirável, devese-lhe São Paulo os fundamentos da notavel e rica construção que é o Museu Florestal do Estado, não sendo exagero afirmar que Vecchi produziu obra demasiadamente valiosa para os nossos dias, porquanto só o futuro poderá julgar esse vasto e artistico tezouro. (SANTOS, 1943).

A palestra proferida por Santos, que a intintulou "O Naturalista Octávio Vecchi" constitui um testemunho fundado de aspectos acerca de sua personalidade e trajetória intuídos durante a pesquisa, em que foi possível

observar o diálogo que Vecchi alimenta entre ciência e arte, tão presentes já nos Mostruários de Loreto, no livro *Les bois indigénes de São Paulo,* 1916*)* no projeto do Museu Florestal e na cuidadosa elaboração do seu álbum *Flora Lenhosa do Estado de São Paulo* (1927)[15].

1.3 O acervo do Museu Florestal

Grande parte do acervo do Museu Florestal Octávio Vecchi guarda a peculiaridade de ter sido produzida, a priori, como objeto museológico, ou seja, são peças que não tiveram existência (e, no caso, sequer teriam serventia/utilidade) fora do contexto do museu.

São objetos de exposição e interação, podendo também compor exposições itinerantes, consistindo em amostras de madeira maciça artisticamente trabalhadas.

Além dessa característica, soma-se a de terem sido confeccionadas, concebidas, projetadas e executadas no âmbito da própria instituição na qual o museu se insere, em uma interação entre diferentes seções técnicas, com orientações de pesquisadores, botânicos, equipe de serralheria, marcenaria, entalhadores, etc.

O museu exibe obras de diferentes técnicas feitas por artistas que não compunham o quadro de funcionários do Museu Florestal, ainda que sob encomenda para comporem especificamente o acervo, como a pintura mural executada por Antonio Paim Vieira, as aquarelas de A. Norfini e o óleo sobre tela de Helios Seelinger.

---

[15] Diante do trecho transcrito da palestra de Santos, o álbum tratado nesse tópico, atualmente constante do acervo pessoal do Pesquisador Científico do IF João Batista Baitello se trata de um dos dois volumes originais de um projeto de publicação que não foi concluído. Cabe colocar que não foi possível descobrir o paradeiro do outro volume.

O acervo em madeira, de modo geral, foi realizado por servidores públicos vinculados ao Serviço Florestal (atual Instituto Florestal), além de provável intercâmbio entre artífices e peças com o Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, cuja documentação, no âmbito do Instituto Florestal, não foi localizada.

Também estão presentes obras peculiares que estão em consonância com os seus objetivos e com a contextualização histórica do próprio museu e do estado de São Paulo.

No tocante ao contexto histórico vivido no estado (e especialmente na cidade) de São Paulo, o tríptico de Helios Seelinger, pintado entre 1928 e 1929, na técnica óleo sobe tela e que retrata marcos do desenvolvimento paulista, indicando o estado de transformação da paisagem urbana na virada da década de 1920 para 1930.

Imagem: Tríptico de Autoria de Helios Seelinger, fotografado por Paulo A. Muzzio, 2014.

As ilustrações de diferentes espécies de árvores, a fachada do antigo Engenho Pedra Branca (local em que se instalou o Horto Botânico, hoje Parque Estadual Albert Löfgren) e ainda a fachada do Museu Florestal, produzidas por Alfredo Norfini na técnica de aquarela também compõem o acervo do museu. Apenas parte das obras esta em exposição. Pela datação das obras, elas começaram a ser produzidas simultaneamente à construção do edifício sede do museu.

A relação entre o Liceu de Artes e Ofícios e o acervo do Museu Florestal se denota não apenas pelo mobiliário artístico, mas também pela coleção de aquarelas de autoria de Alfredo Norfini (1867-1944), artista de origem italiana que exerceu também a profissão de professor no Liceu, tendo sido nomeado em 1911, por Ramos de Azevedo.[16]

Do acervo do Museu Florestal constam ainda obras dos artistas Campos Ayres (1881 – 1944); Clodomiro Amazonas Monteiro (1883 – 1953) e Antonio Paim Vieira (1895 – 1988).

[16] "Alfredo Norfini (Florença, Itália 1867 - Rio de Janeiro RJ 1944). Desenhista, aquarelista, pintor e professor. Filho do pintor Luigi Norfini, cursa a Real Academia de Belas Artes de Lucca, Itália. Participa da Grande Exposição de Artistas Internacionais em Nice, França, em 1892. No ano seguinte, viaja para Buenos Aires, lá permanecendo até 1898, quando vem para o Brasil e fixa residência em Campinas, interior de São Paulo. Nesta cidade funda um curso de pintura com Angelo Bretoni e Agnelo Correia, e organiza a 1ª Exposição de Artes e Artes Aplicadas às Indústrias, em 1900. Mora um breve período, entre 1908 e 1911, no Rio de Janeiro, onde trabalha na revista *Renasçenca*. Neste mesmo ano, transfere-se para São Paulo, a convite de Ramos de Azevedo e é nomeado professor do Liceu de Artes e Ofícios, também colabora em jornais e revistas, inclusive a *Antártica Ilustrada*, da qual é fundador." Fonte http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22260/alfredo-norfini .

Foto: Acervo Museu Florestal Octávio Vecchi, sem data.

Na imagem acima é possível observar parte da pintura mural assinada por Antonio Paim Vieira em 1930, que decora as quatro paredes do *hall* do piso superior do Museu Florestal, com a representação de 44 espécies de árvores nativas do estado de São Paulo. Ao fundo, é possível enxergar três dos doze vitrais artísticos que compõem o acervo do museu, que teriam sido projetados pelo próprio Octávio Vecchi e executados pela Casa Conrado.

Fica evidenciado assim que a formação do acervo do Museu Florestal envolveu a comitência de obras de artistas de grande prestígio em São Paulo na época.

Em seu artigo *Arte naquele tempo (Memórias),* Antonio Cândido (2012. p.16) conta sua vinda para São Paulo na década de 1930 menciona os artistas Clodomiro Amazonas e Campos Ayres como “mestres paulistas acadêmicos que a classe média apreciava” e ainda, cita a visita a uma interessante exposição de Helios Seelinger no Palacete das Arcadas, na Rua Quintino Bocaiúva.[17]

[17] Outra referência bibliográfica sobre esse círculo de artistas pode ser encontrada em TARASANTCHI,1988. P.105: “Para encerrar a exposição (de cerâmicas, em 1928) em São Paulo, Hélios Seelinger, o simpático e alegre pintor carioca, amigo dos artistas de todas as

1.3.1 Produções da casa e acréscimos de acervo

Ao longo da história do Serviço Florestal, foram desenvolvidas técnicas artísticas, em uma dinâmica que envolvia pesquisa e arte aplicadas, bem como o atendimento de demandas institucionais em sua atuação mais ampla.

Notadamente na gestão de José Camargo Cabral, que sucedeu Vecchi na Direção Geral do Serviço Florestal, foram fundadas as "escolas" que funcionavam Horto Florestal, notadamente os cursos de charão, de xilografia, de marchetaria, de alrunas e de entalhe.[18]

---

facções, sempre pronto a uma comemoração ou a uma rodada de chope, resolveu organizar um chá em homenagem a Paim no salão da Casa Mappin. No dia 30 de Abril de 1928 lá estavam várias personalidades da época entre elas Nestor Rangel Pestana, Reynaldo Porchat, e também artistas como Pedro Alexandrino, Clodomiro Amazonas e o próprio Hélios."

[18] "Ao Dr. Octávio Vecchi, que dirigiu o 'Serviço Florestal' por poucos anos, seguiu-se, em 1932, o Dr. José Camargo Cabral, que deu nova dimensão à administração do 'Serviço Florestal', operando transformação radical em todos os seus setores. Construiu o prédio da administração em belo estilo colonial, com espaço suficiente para abrigar as secções que então compunham o 'Serviço', prédio esse que hoje é a sede do 'Instituto Florestal'. Construiu a casa, do Diretor, obra que se caracterizou pela coleção de madeiras empregadas em seu acabamento, e que hoje é o Palácio de Verão do Governo.
Elaborou e implantou intenso programa de construção de residências tanto para funcionários técnicos como administrativos, levando em conta principalmente a característica 'sui generis' da atividade florestal, a grande extensão territorial a ser administrada e a distância do local de trabalho dos centros urbanos. Propiciando condições de habitabilidade condigna ao funcionário florestal, conseguiu fixá-lo em regiões muitas vêzes inóspitas e ermas. Aliás esta mesma orientação é seguida pelos Serviços Florestais oficiais e privados, no exterior, nos países de maior tradição florestal.
Deu novo impulso à parte técnica e melhorou as oficinas de marcenaria e mecânica. Foi o Dr. José Camargo Cabral que fundou um curso denominado 'Escola de Charão', importando primeiramente, sementes do Japão e, posteriormente da Indochina Francesa, a espécie *Rhus Succedania L.,* que se adaptou ao meio, e passou a ser a produtora da laca natural ou charão, como é mais conhecida.
(…) Ainda durante a administração do Dr. José Camargo Cabral funcionou uma 'Escola de Xilografia', que usava na confecção dos clichês e carimbos, a madeira da planta nacional denominada 'Guatambu' e que substituiu, com vantagens, o tradicional lenho de 'Buxus' empregado largamente no exterior." (IF: Origem e evolução, 1973. p.17)
No tocante às *alrunas*, também denominadas *arte natural*, tratam-se de "objetos que representam figuras, animais e homens, como se encontram, às vezes, em raízes e tocos, na mata. O artista D. Korchowski, com sua rica imaginação soube aproveitar vários desses objetos para transfomá-los por meio do buril em objetos de arte." (Anexo III - PICKEL, 1954).

A Escola de Xilografia do Horto que funcionou entre 1940 e 1950 que explorava a técnica como uso de buril sobre madeira de topo. A madeira utilizada Guatambu Rosa, fruto de pesquisa realizada pelo Serviço Florestal, com o fim de encontrar substituto da flora nativo compatível com a espécie *buxus* utilizada na Europa. O professor de origem alemã Adolf Kohler teria sido pioneiro da técnica de topo no Brasil, tendo inclusive a difundido entre artistas como Lívio Abramo. A respeito da escola e da produção própria do professor, há interessantíssimas pesquisas desenvolvidas por GOUVEIA, 1986; COSTELLA, 2005; PRIEDOLS, 2011 e NOVO, 2013.

A Escola de Charão “Ryoichi Nakayama” chegou a ter um edifício exclusivo para seu funcionamento construído em 1960, no ano seguinte ao início dos trabalhos da escola. Localizado na área administrativa do Horto Florestal, o espaço atualmente constitui a sede da Biblioteca do Instituto Florestal. O nome da escola foi instituído pela Lei Estadual nº 5.873, de 12 de setembro de 1960, em homenagem imigrante japonês que introduziu o charão no Brasil na década de 1930 e foi o criador da escola, que funcionou entre 1959 e 1970. (PRIEDOLS, 2011, p.115 – 116).

Na imagem acima, Ryoichi Nakayama encontra-se à direita, em postura ereta, em meio a um plantio de charão no Horto Florestal (Parque Estadual Albert Löfgren), enquanto o outro homem indica um ponto onde está fluindo a resina. O arquivo com a reprodução digital da foto (sem data) foi cedido ao funcionário do Museu Florestal, Artur Cezar Santinello pelo Sr. Sérgio Nakayama familiar que visitou o museu nesse ano de 2015.

Como charão são designados tanto o tipo arbóreo de origem indochinesa (sendo que a espécie introduzida com sucesso tem como nome científico *Rhuss succedanea)*, a resina dela extraída através da técnica de "sangria" (similar à utilizada exploração do látex da seringueira e da resina de *pinus*) bem como a técnica artística de revestimento de objetos com a aplicação de diversas camadas finas da resina. A técnica também é conhecida como "laca japonesa" ou *Urushi.*

Essas escolas, apesar de não funcionarem nas dependências do museu, deixaram uma produção material importantíssima que integra o acervo atual do Museu Florestal Octávio Vecchi e constituem importante testemunho da memória de atuação institucional do Serviço Florestal do Estado de São Paulo.

3.2 Os entalhes botânicos do acervo do Museu Florestal

Apesar da riqueza da produção das escolas artísticas que se desenvolveram na história do Instituto Florestal e cuja parte da produção foi incorporada ao acervo do Museu Florestal, a coleção de entalhes botânicos merece especial dedicação tendo em vista a peculiaridade de sua composição.

Os entalhes botânicos foram executados em suportes de madeira maciça, sendo que cada entalhe corresponde a representação em relevo de folhas, frutos e/ou flores da árvore de que é feita a prancha entalhada.

Em imagens do mostruário de Loreto, constante no álbum elaborado por Vecchi com fotografias realizadas até 1927, ou seja, antes da ida de Vecchi para o Serviço Florestal, é possível ver a existência de uma coleção de pranchas com o desenho similar das que pertencem atualmente ao Museu Florestal Octávio Vecchi.

Fotografia de um dos ambientes internos das instalações do Horto de Loreto, no município de Araras. As pranchas encontram-se dispostas de maneira vertical no lado direito da foto, com leve inclinação em suporte junto à parede, conforme observável no lado direito da imagem. Na foto, Vecchi posa em sua mesa de trabalho na companhia de sua filha. (Fonte: Álbum *Flora Lenhosa do Estado de São Paulo,* Octávio Vecchi, acervo particular de J.B. Baitello, 1913-1927).

A fotografia abaixo mostra a disposição atual de uma parte das pranchas do acervo do Museu Florestal Octávio Vecchi. (Foto de Robinson Dias, Acervo do Museu Florestal, 2014)

O Museu do Eucalipto também ostenta mostruário elaborado em formato de pranchas, com o mesmo design, conforme tratado no item anterior.

Com relação ao mostruário de Loreto, não é possível apurar se as pranchas tinham algum tipo de entalhe ou se eram apenas em madeira maciça, tais como as que integram o acervo do Museu do Eucalipto, em que uma das faces recebe tratamento de verniz e outra não, mas não ostentam qualquer ilustração em relevo.

Foi sob a gestão de José Camargo Cabral (1932 – 1945), sucessor imediato de Octávio Vecchi na Diretoria Geral, que foi introduzido o serviço de entalhe artístico no Serviço Florestal[19], com a admissão do primeiro entalhador oficial do Estado de São Paulo, Antonio Oppido, em 1937 e, em 1939, de um entalhador assistente (auxiliar), Antonio Alves.[20]

No relatório elaborado pelo chefe da Seção Técnica do Museu Florestal de 1938 há um tópico que trata em especial do serviço de entalhe:

> O entalhe de amostras científicas para o Museu é feito pelo entalhador contratado especialmente para isso. Embora o referido técnico trabalhe também para a oficina desta repartição, e somente parte de seu trabalho se destine ao Museu, pode-se classifica-lo nesta Secção, pois todos os desenhos são discutidos e feitos sob a direção desta Chefia. Este serviço de entalhação reúne a arte ao ensino, pois são rigorosamente observadas as dimensões e a posição das folhas, flores e frutos, de modo tal que cada

[19] IF: Origem e evolução, 1973. p.17.
[20] "IF: O senhor conheceu outros artesãos e marceneiros do IF? Sr. Ivo: Conheci todos os antigos: Antonio Oppido, Antonio Alves, Seu Leandro, José dell' Aquila e Egyldo. Éramos uma equipe em que todos trabalhavam em tudo. Naquele tempo não tinha ajudante. Era um profissional ajudando o outro. O serviço de entalhes era o carro-chefe. Antonio Oppido projetava e desenhava e Antonio Alves entalhava." Ivo Acácio Barana, sevidor aposetado do Instituto Florestal em entrevista publicada no *Informativo do Instituto Florestal - ANO 3 Nº 12 Abril / Maio/ Junho*, 2012. p. 04. Disponível em: 2012http://iflorestal.sp.gov.br/files/2013/05/IF_noticias_n12.pdf

entalhe sirva como demonstração botânica da espécie. (Koscinski, 1938, pág. 133)

O relatório informa ainda que no ano de 1938 foram entalhadas 11 amostras (pranchas), além de um balaústre para maquete de pedra da região do Horto Florestal e Serra da Cantareira (atualmente encontram-se no Núcleo Pedra Grande o Parque Estadual da Cantareira).

Imagem: Antonio Oppido ao lado de três pranchas entalhadas. Acervo Museu Florestal, sem data.

Além do trabalho de entalhe realizado nas pranchas, pingentes e pequenas peças em formato de livro, os entalhadores trabalharam na confecção de

mobiliário e esculturas, como o “quadro” de São Pedro Apóstolo, executado em Imbuia, imagens do rosto de cristo, outras obras que integram o acervo do museu; além de grandes quadros de formandos realizados para diversas universidades paulistas.

Antonio Oppido (1907-1996) era descendente de uma família de origem italiana, pioneira no fabrico de móveis no estado de São Paulo. Foi na fábrica da família que iniciou seu aprendizado em marcenaria e marchetaria, estudou ainda no Liceu de Artes e Ofícios, entre 1917 e 1920.

> No Liceu, teve aulas de ornato, geometria, escultura em gesso e barro. Especializou-se em trabalhos na madeira: entalhes, escultura e modelos para fundição (puxadores de portas e gavetas). Fazia também entalhes em couro. Dizia-se escultor e não artesão (nota 18: Antonio Oppido destacava a beleza das ferramentas, que possibilitaram a execução de seus trabalhos. Elas concretizaram suas criações, dando-lhes forma. Naquela época, os móveis brasileiros eram os melhores do mundo, depois decaíram, substituídos pelos móveis em série.) No Museu do Horto Florestal, trabalharam 25 artífices, sob seu comando, e com o entalhador Haroldo Mattei. Esculpiu um altar, todo em madeira, com temas religiosos nacionais, mas que desapareceu.
> (…)
> Depois de ter trabalhado com o pai e nas indústrias Teperman, Antonio realizou os móveis da sala do diretor do Hospital das Clínicas, em jacarandá-da-baía, e desenhou outros tantos para o Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, que, na época, era sede da Presidência da República. Contava, então, com 35 anos de idade. Realizou diversos quadros de formatura para as faculdades de medicina e veterinária, nas quais esculpiu temas históricos na madeira. Atuou, durante 30 anos, até 1966, no Horto Florestal, onde ensinou entalhe, fabricou móveis e realizou o importante mostruário de madeiras de lei existentes no estado de São Paulo, reproduzindo folhas, flores, frutos e sementes de cada árvore. Essa coleção e os móveis de sua lavra estão expostos no Espaço Cultural Antonio Oppido, que funciona no Museu Florestal Octavio Vecchi.
> (HOMEM, 2011. p. 150)

Imagem. Da esquerda para direita, o primeiro se trata de Antonio Alves e a pessoa que esta segurando o chapéu (sexto da esquerda para a direita), Antonio Oppido, entalhadores oficiais do Serviço Florestal.
Foto: Acervo do Museu Florestal, cedida pela família de Antonio Alves em 2009, sem data.

Antonio Alves, entalhador oficial do Serviço Florestal.
Foto: Acervo do Museu Florestal, arquivo digital cedido pela família de Antonio Alves em 2009, sem data.

No processo de produção das pranchas, toda a base era executada na marcenaria, que executava os cortes e a montagem no formato padronizado, com o detalhe do cabo torneado.

Com relação ao cabo, percebem-se algumas variações estilísticas, de acordo com a aproximação comparativa de diferentes pranchas.

Tanto a escolha da madeira para a fabricação da prancha, como a coleta e encaminhamento da amostra botânica para o entalhe eram realizados pelas seções técnicas.

As amostras botânicas, pedaços de galhos com folhas e frutos, sementes ou folhas e flores, eram encaminhadas para os entalhadores, que primeiro executavam um primoroso desenho de observação que, em seguida seria esculpido no suporte de madeira. Nas pranchas, o desenho observava o tamanho natural da amostra; já nos pingentes, por exemplo, eram miniaturizados.

> “Eu desenhava no papel. No papel, depois passava no papel carbono fazia desenho aqui. Depois “que tirava o papel carbono”… eu ia entalhando aos poucos.”
> Antonio Oppido em entrevista realizada em 1985 pelo telejornal *SP Já*, da Rede Globo de Televisão.

Imagem: Reprodução de desenho preparatório para entalhe assinado por Antonio Oppido e datado de 1957.

Fotografia da prancha com entalhe da flor de da árvore de nome popular Magnólia Amarela. Dimensões da peça: de 95 cm de altura, 18 cm de largura e 2 cm de espessura.

Com relação à coleção de pranchas de madeira, emergiu durante a presente pesquisa a pertinência de avaliar a possibilidade de classificação dessa coleção como um artefato museológico *sui generis*, tarefa que merece ser realizada com fôlego redobrado e foco apurado em trabalho futuro.

Apesar do serviço de entalhe se iniciar em 1937 contam no acervo do Museu Florestal exemplares de pranchas com entalhes datados de 1930.

Atualmente, encontram-se nas dependências do Museu Florestal 30 amostras entalhadas com datação de 1930; 87 pranchas com os entalhes foram realizados entre 1937 e 1958, sendo que destas, 10 possuem entalhes nas duas faces (cabe colocar que apenas um lado tem a datação do entalhe); há três pranchas entalhadas em que não há datação exata, e quatro que estão sob os cuidados da Seção de Madeira do Instituto Florestal a fim de identificação (pois o entalhe não corresponde efetivamente à amostra de madeira que serve de suporte para a prancha). Além disso, há 83 pranchas sem entalhe.[21]

No tocante à existência de pranchas com duas referências importantes no tocante à datação, as datadas de 1930 e as elaboradas a partir de 1937, é possível avaliar algumas diferenças formais.

Há notável diferença na representação dos elementos botânicos da peça de 1930 com relação às de 1944, com relação à precisão do entalhe, sua proporção e a inscrição de nome popular. Também é possível distinguir alterações no trabalho de marcenaria, como alteração do torneamento do cabo da prancha.

[21] Cabe colocar, como nota, que a documentação do acervo merece estudo e trabalho demorados, pois carece uma atualização e levantamento acerca do registro das peças. Há, em curso, um trabalho de inventário iniciado, mais ainda em estágio embrionário.

Detalhes dos entalhes de pranchas de Peroba:

Imagens: Detalhes de entalhes realizados em pranchas de Peroba, em 1930 (esquerda) e 1944 (direita).

Imagens: Detalhes de entalhes realizados em pranchas de Angico Rajado, em 1930 (esquerda) e 1944 (direita).

Pela análise das peças é possível notar que os entalhes realizados em 1930 apresentam traços mais livres, as formas são mais estilizadas e simples, se distanciando do rigor da representação naturalista de propósitos científicos.

Imagem: Detalhe do entalhe em prancha de madeira de Jequitibá Branco (*Cariniana estrellensis)* executado em 1958.

A prancha de 1958 destaca-se pela deliberada abordagem de ilustração científica, com a colocação, na horizontal de um elemento botânico.

O caráter *sui generis* das pranchas entalhadas como artefato museológico pode ser afirmado dado o conjunto de peculiaridades que envolvem a intencionalidade da sua produção, o contexto em que foram executadas (no âmbito institucional), sua materialidade e originalidade, destacando o rigor científico das produzidas a partir de 1937.[22]

[22] "Como qualquer representação naturalística, a ilustração científica pode variar muito em termos de composição: encontra-se em uma gradação que vai desde o linear, esquemático, diagramático até trabalhos de contornos e traçados bem-definidos, preenchidos com tinta, coloridos e de elevada complexidade plástica. O importante é lembrar que o tipo de imagem

Além do fato de serem trabalhos executados artesanalmente, a irreprodutibilidade integral da obra também se deve a sua própria materialidade. O suporte em que cada prancha foi produzida, por ser de origem natural, guarda características únicas, como o desenho e a composição anatômica de cada amostra de madeira escolhida.

A produção das pranchas entalhadas realizada no âmbito do Serviço Florestal especificamente para compor o acervo do Museu Florestal, como finalidade primeira, nascendo, portanto já como objeto museológico, em um processo criativo que envolve a relação entre arte e ciência, bem como da materialidade e intencionalidade pedagógica do fazer artístico.

A originalidade do projeto de entalhe não foi possível apurar de forma satisfatória nos documentos e bibliografia consultados, todavia, ele se insere e complementa a proposta museológica implementada por Octávio Vecchi.

---

que chamamos ilustração científica deve ser útil à caracterização de um objeto, sem teoricamente conter ambigüidade ou outra característica que resulte em uma interpretação, por parte do leitor, diferente daquela que o cientista deseja transmitir." (OLIVEIRA, R. L. de, CONDURU, R.: 'Nas frestas entre a ciência e a arte: uma série de ilustrações de barbeiros do Instituto Oswaldo Cruz'. História, Ciências, Saúde — Manguinhos, vol. 11(2): 335-84, maio-ago. 2004. p.337)

2. UMA EXPOSIÇÃO EM IMAGENS - A EXPOSIÇÃO *"LUGAR DE ÁRVORE É NO MUSEU?"* (2015) NO MUSEU FLORESTAL OCTÁVIO VECCHI

A necessidade de organizar uma exposição acerca do histórico do Museu Florestal Octávio Vecchi era recorrente nas conversas entre a equipe do museu, inclusive como estratégia para promover a comunicação da identidade e da missão da instituição. A ocasião da convocação para a participação da 13ª Semana Nacional de Museus, a ser realizada entre 18 e 25 de maio de 2015, motivou a realização de uma programação especial, incluindo a realização de uma exposição de curta duração.

A Semana Nacional de Museus, coordenada pelo Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM, autarquia do governo federal vinculada ao Ministério da Cultura ocorre anualmente desde 2003 e tem como objetivo promover uma programação cultural em comemoração ao Dia Internacional de Museus, celebrado em 18 de maio. A cada ano é o Conselho Internacional de Museus – ICOM que lança uma proposta de tema.

Cabe colocar que o tema lançado para 2015 foi "Museus para uma Sociedade Sustentável", o que serviu de incentivo e inspiração para o planejamento das atividades e indicou como oportuna a oportunidade de colocar em pauta a vocação do Museu Florestal.

A convocação, realizada por correspondência encaminhada pelo IBRAM teve início no mês de janeiro e a decisão de realizar a exposição foi pactuada em reunião que envolveu toda a equipe do museu no mês de março, mesmo com a ponderação de que haveria pouco tempo hábil para a organização, produção e montagem, bem como não haveria recursos para contratação de serviços ou compra de material de apoio para a expografia.

De forma sucinta, vale pontuar que dentre as intercorrências que fizeram parte do processo de concepção, planejamento e execução da exposição

houve dificuldades de comunicação e engajamento da equipe, seja pela ausência de integrantes da equipe por imprevistos de ordem pessoal (que motivaram a necessidade de licença), acúmulo de tarefas e inexperiência na coordenação de projetos.[23]

Também houve limitação no tocante a estrutura material, pois no período o museu passou por privação de energia elétrica e, em nenhum momento durante o período de organização e durante a exposição houve acesso a internet.

A proposta da equipe era promover uma comunicação acessível, deixando transparecer que a exposição tinha antes a pretensão de comunicar de forma simples e lúdica aspectos importantes da história do museu, eminentemente a sua relação com a pesquisa científica e sua preocupação com meio ambiente.

Com relação ao restante da programação, houve sempre a preocupação em manter a pertinência com a temática da sustentabilidade e foram convidados funcionários de outros setores do Instituto Florestal, bem como voluntários da sociedade civil.

O cartaz abaixo ilustra as atividades que foram inscritas integraram a programação da Semana Nacional de Museus na instituição.[24]

---

[23] Durante todo esse processo a equipe de servidores e estagiários do Museu Florestal Octávio Vecchi composta por oito pessoas, entre eles três servidores com dedicação exclusiva, quatro estagiários com dedicação de quatro horas diárias e um funcionário de empresa contratada para prestar serviço de limpeza predial, abaixo nomeados:
Servidores do Instituto Florestal lotados no Museu Florestal (dedicaão semanal de 40 horas): Artur Cezar Santinello, Robinson Dias da Silva e Natália Ferreira de Almeida;
Estagiários cursando ensino médio: Luis Henrique Rosa Jager, Yanasha Carolina da Costa e Bruno Matheus Hilário; *Estagiária da faculdade de História* Vanessa Gomes de França;
Funcionário contratado por empresa terceirizada da área de limpeza: Manuel Ferreira dos Santos. Também contribuiu na elaboração dos cartazes com os textos de parede o *estagiário* Franco, *do Curso de nível superior em Design,* lotado no Setor de Comunicações Técnico-Científicas.

[24] Das atividades programadas, a Oficina *Carta da Terra* não foi realizada, tendo em vista alterações da agenda da voluntária que realizaria a atividade e o teatro de fantoches foi substituído por um ambiente de incentivo à leitura com obras do folclore brasileiro.

O MUSEU FLORESTAL OCTÁVIO VECCHI está participando da 13ª Semana Nacional de Museus.
RUA DO HORTO, 931 - HORTO FLORESTAL - Tel: (11) 2231-8555 ; (11) 2231-8049

• 18/05/2015 a 27/09/2015 - 09h às 17h EXPOSIÇÃO - "Lugar de árvore é no museu? - O Museu Florestal Octávio Vecchi conta a sua história". Exposição que tem o objetivo de fazer uma retrospectiva da história do Museu Florestal Octávio Vecchi.

• 18/05/2015 - 14h30 às 16h30 OFICINA - A oficina "Carta da Terra" tem o objetivo de divulgar a Carta da Terra, declaração que arrola os princípios éticos para a construção de uma sociedade justa, sustentável e pacífica.

• 19/05/2015 - 14h30 às 16h30 OFICINA - Oficina de brinquedos. Tem a finalidade de estimular o lúdico e a percepção com a construção de brinquedos clássicos antigos, utilizando objetos do cotidiano e de descarte. Público infantil.

• 19/05/2015 - 10h às 11h30 VISITA GUIADA - Monitoria especial integrando o espaço expositivo do Museu Florestal e a área verde do entorno.

• 20/05/2015 - 09h30 às 16h30 ATIVIDADE EXTERNA - Tendo como tema "A valorização da flora nativa e sua importância na arborização urbana", o evento compreende noções básicas de botânica, com reconhecimento prático de espécies nativas. Local: Fundação Maria Luisa e Oscar Americano. Av. Morumbi, 4077, bairro do Morumbi, São Paulo - SP.

• 21/05/2015 - 09h30 às 14h30 EXPEDIÇÃO - Expedição botânica realizada no entorno do museu, no Horto Florestal - Parque Estadual Albert Löfgren, que compreenderá noções de identificação de espécies em campo, bem como de elaboração exsicatas.

• 22/05/2015 - 10h às 12h AÇÃO EDUCATIVA - "Que árvore é essa?" Atividade que estimulará a observação da morfologia de algumas espécies, seguida da localização de exemplares na área do parque e fixação de placa com informações sobre a árvore.

• 22/05/2015 - 14h30 às 16h30 OFICINA - Oficina de brinquedos. Tem a finalidade de estimular o lúdico e a percepção com a construção de brinquedos clássicos antigos, utilizando objetos do cotidiano e de descarte. Público livre.

•23/05/2015 - 09h às 12h Oficina Bike Anjo - O objetivo da oficina e ensinar as crianças e adultos a perder o medo de andar de bicicleta

• 23/05/2015 - 15h15 às 17h15 ESPETÁCULO TEATRAL - "Era uma vez..." Teatro de marionetes, com histórias que exploram o universo fantástico e o folclore e temática ambiental.

• 24/05/2015 - 09h30 às 11h AÇÃO EDUCATIVA - "Passeio verde árvores e aves". Tendo como ponto de partida o museu, será realizada uma trilha pelo Horto Florestal - Parque Estadual Albert Löfgren, ação que visa a sensibilização ambiental. Realização - Árvores Vivas.

• 24/05/2015 - 11h às 15h ENCONTRO - "Pic-nic de trocas de mudas e sementes da estação".

• 24/05/2015 - 11h às 12h OFICINA - Oficina bolotas de sementes. Atividade lúdica de educação ambiental. Realização - Árvores Vivas.

• 24/05/2015 - 15h às 16h PALESTRA - Palestra "SOS abelhas sem ferrão", tem por finalidade divulgar a importância das espécies nativas de abelhas, que são inofensivas e extremamente importantes para o equilíbrio da fauna e da flora.

Fundação Maria Luisa e Oscar Americano · árvores vivas · Parque Estadual Alberto Löfgren HORTO · Instituto Florestal · Governo do Estado São Paulo · sistema brasileiro de museus · ibram instituto brasileiro de museus · Ministério da Cultura · Governo Federal Brasil País rico é país sem pobreza

2.1 Montagem

Na expografia foram utilizados móveis e objetos já pertencentes ao museu Florestal, os cartazes de comunicação interna foram elaborados pela equipe e impressos no setor de comunicações do Instituto Florestal.

O contexto histórico foi abordado por textos de parede e fotografias. Em lugar de propor um relato minucioso e preciso, alguns fatos relevantes foram pontuados, e utilizadas fotografias ilustrativas.

Uma maquete já existente no museu foi revitalizada pelas estagiárias Yanasha e Vanessa, com a limpeza e a inclusão de detalhes na fachada e foi colocada no acesso à área expositiva.

Para compor o ambiente de oficinas e fazer referência a uma problema que esteve presente no início da concepção da exposição, qual seja a colocação *Lugar de árvore é no museu?* , foi montada uma vitrine com pequenos terrários, elaborados pelos funcionários do museu, com reutilização de material descartável e insumos de origem do próprio parque. A equipe de monitores do PEAL colaborou com a indicação e auxílio na obtenção do material (pedras, terra, areia, plantas).

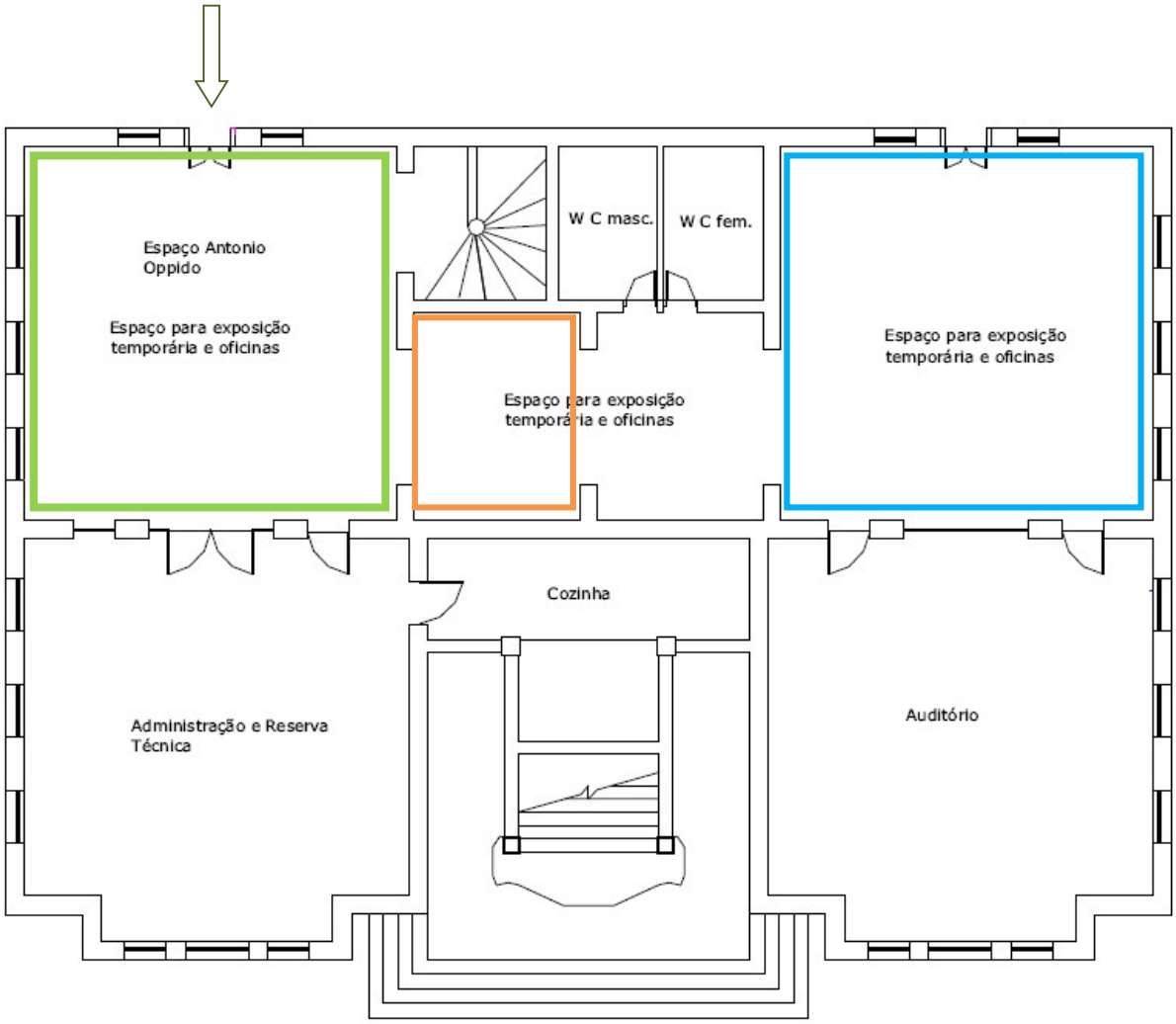
Algumas imagens dos materiais e etapas da montagem dos terrários.

A seguir, uma descrição da exposição por meio de imagens fotográficas da mesma.

2.2 Relatório fotográfico da expografia

Na montagem da exposição *"Lugar de árvore e no museu? - O Museu Florestal Octávio Vecchi conta a sua historia."* foram ocupados os espaços destinados para exposições temporárias e oficinas, no piso térreo do Museu Florestal.

Abaixo, destacadas no croqui, em cores diferentes cores, as principais áreas ocupadas.



Piso inferior do Museu Florestal Octávio Vecchi.

Na área de contorno verde (nomeado *Espaço Cultural Oppido* em homenagem ao antigo entalhador do Serviço Florestal), encontra-se a maior parte dos objetos em exposição, nas fotos, o espaço será indicado como “sala principal”.

Imagens gerais da ocupação do espaço da área:

No croqui, a seta indica o acesso ao espaço expositivo, que corresponde á entrada em destaque na foto acima.

Vista geral da “sala principal”. Neste ângulo é possível observar os textos de parede (realizados através da fixação de cartazes).

Vista geral da “sala principal”: ângulo oposto ao da fotografia anterior.

Nessa imagem é possível identificar espaço destinado à sugestões e o livro de assinaturas, sob cartaz da 13ª Semana de Museus (enviado pelo IBRAM). A colocação de troncos em círculo no centro do espaço expositivo, de forma a tornar mais orgânica a circulação dos visitantes teve como inspiração a imagem abaixo:

Amostras de madeira cortadas em bisel localizadas no andar inferior do museu. Acervo Museu Florestal, sem data (década de 1950).

A maquete do edifício foi colocada na entrada da exposição, sobre um cubo de entre os textos de abertura (cartazes fixados no painel) e teve como estratégia que se revelou positiva para atrair o olhar dos frequentadores do parque.

Os textos de parede constam no Anexo VI deste trabalho.

Próximo à entrada foi dedicado um espaço para a exibição de amostras de madeiras com entalhes botânicos, coleção *sui generis* que compõe o acervo.

Foram dispostas quatro pranchas entalhadas, um mostruário de pingentes, a reprodução de um dos desenhos preparatórios assinado pelo entalhador Antonio Oppido e exposto em um porta-retrato que também é objeto de acervo. Também foi exposto uma reportagem (intitulada *O Senhor das Maderias*) de jornal publicada sobre o trabalho do entalhador, acompanhado por um breve texto curatorial e algumas sementes com efeito decorativo e de ambientação.

Para expor objetos mais vulneráveis foram distribuídas algumas vitrines pela sala, dialogando com os textos de parede.

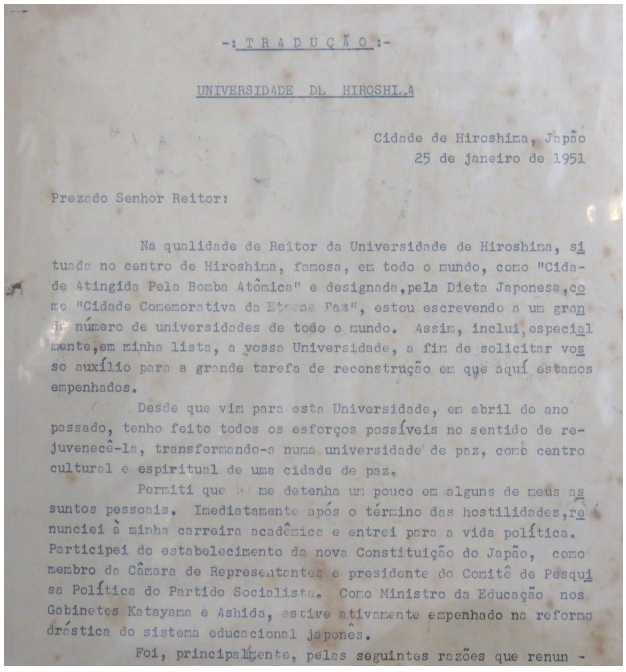
Edição original da obra *Le bois indigènes de São Paulo: contribuition à l'étude de La flore forestiere de l'état de São Paulo,* de 1916, ilustrada por Octávio Vecchi. A capa foi reproduzida para que o visitante pudesse conhecê-la e na vitrine foi colocada amostras do fruto e sementes da árvore da espécie Jatobá, ao qual se referem as ilustrações da página em que o livro está aberto.

Aquarela com o desenho do assoalho do hall principal do piso superior do museu exposta em vitrine.

Durante o primeiro mês de exposição ficou em exposição, em uma das vitrines da sala principal (Espaço Cultural Antonio Oppido) o livro original de fotografias de autoria de Octávio Vecchi, intitulado Flora Lenhosa do Estado de São Paulo, após esse período o cedente solicitou a devolução do livro.

Com a disponibilização da vitrine então utilizada, o acontecimento de doação de mudas para a Universidade de Hiroshima, que então era mencionado apenas "*Gaveteiro de curiosidades*", passou a ter maior destaque e a versão traduzida da carta enviada pelo reitor, que compõe o acervo do Museu foi exposta.

No centro da fotografia, a vitrine em que a carta foi exposta.



-: T R A D U Ç Ã O :-

UNIVERSIDADE DL HIROSHL.A

Cidade de Hiroshima, Japão
25 de janeiro de 1951

Prezado Senhor Reitor:

Na qualidade de Reitor da Universidade de Hiroshima, situada no centro de Hiroshima, famosa, em todo o mundo, como "Cidade Atingida Pela Bomba Atômica" e designada,pela Dieta Japonesa,como "Cidade Comemorativa da Eterna Paz", estou escrevendo a um grande número de universidades de todo o mundo. Assim, incluí,especialmente,em minha lista, a vossa Universidade, a fim de solicitar vosso auxílio para a grande tarefa de reconstrução em que aqui estamos empenhados.

Desde que vim para esta Universidade, em abril do ano passado, tenho feito todos os esforços possíveis no sentido de rejuvenecê-la, transformando-a numa universidade de paz, como centro cultural e espiritual de uma cidade de paz.

Permiti que [illegible] me detenha um pouco em alguns de meus assuntos pessoais. Imediatamente após o término das hostilidades,renunciei à minha carreira acadêmica e entrei para a vida política. Participei do estabelecimento da nova Constituição do Japão, como membro da Câmara de Representantes e presidente do Comitê de Pesquisa Política do Partido Socialista. Como Ministro da Educação nos Gabinetes Katayama e Ashida, estive ativamente empenhado na reforma drástica do sistema educacional japonês.

Foi, principalmente, pelas seguintes razões que renun -

Detalhe de trecho da carta exposta na vitrine. [25]

A carta original foi enviada à Universidade de São Paulo que, por sua vez, encaminhou a solicitação (e a tradução da carta) ao Museu Florestal. Datada de 1951 a carta, enviada pelo Reitor da Universidade de Hiroshima, Tatsuo Morito, a diversas universidades do mundo inteiro, solicitava a ajuda para a

[25] Transcrição integral da carta: ANEXO V

revitalização do campus que havia sido devastado pela bomba atômica em 1945.

O Museu Florestal à Hiroshima enviou toneladas de sementes, na ocasião, contudo, por investigação feita décadas depois por Guenji Yamazoe (Pesquisador aposentado do Instituto Florestal), soube-se que o plantio não obteve sucesso.

Também foram expostas em vitrine algumas peças da Escola de Charão, com breve texto informativo.

Peças adornadas com a técnica de Marchetaria, sendo uma banqueta com motivos geométricos e um “risque e rabisque” com o logotipo do Serviço Florestal.

Vitrine com pequeno texto e amostra do acervo da Escola de Xilografia do Horto.

Pela limitação de espaço, foram selecionadas algumas ferramentas (buris e um entojo), uma matriz e a respectiva gravura do logotipo do Serviço Florestal e uma ilustração de caráter científico, em três fases distintas: o taco desenhado (na extremidade inferior direita); a matriz pronta e a sua impressão.

Uma grande parte do espaço expositivo foi dedicada à ambientação que permitisse expor objetos do acervo relacionados com pesquisas desenvolvidas pela instituição de maneira atrativa.

Detalhe de mesa com objetos científicos e texto informativo sobre madeira.

Vitrine com amostras de outros produtos florestais, entre eles óleos essenciais, fibras, sementes e madeiras.

Foto de Eitor Bastos, 2015.

Nesse “ambiente de pesquisa” os visitantes eram estimulados a manusear alguns objetos da exposição. No exemplo acima as fichas originais contendo informações sobre algumas espécies arbóreas foram protegidas sob uma placa de acrílico e amostras botânicas respectivas (frutos e sementes de Jatobá, Paineira, Guapuruvu e Araribá) foram dispostas em sobreposição para que os visitantes pudessem tocá-las.

A ***Mesa do pesquisador*** foi uma composição central do ambiente de pesquisa, com a disponibilização de objetos manuseáveis, inclusive lupas, óculos cenográfico e jaleco. Os visitantes poderiam vestir os acessórios e sentar à mesa.

Cabe pontuar algumas referências iconográficas usadas para compor a mesa:

Retrato do Arquiteto Ramos de Azevedo, de Oscar Pereira da Silva. Acervo Pinacoteca de São Paulo. Fonte:site da Pinacoteca do Estado.

A fotografia de um dos ambientes situados no Horto de Loreto, Araras, (já reproduzida em capítulo anterior desta monografia) também serviu de referência para a ambientação do espaço de pesquisa, em especial a “mesa do pesquisador” (fonte: Álbum *Flora Lenhosa do Estado de São Paulo*, Octávio Vecchi, 1927, acervo particular J. B. Baitello).

No decorrer do processo de organização da exposição, coincidentemente houve a oportunidade de expor a ***estátua do Curupira*** que foi trazida por um antigo funcionário do Instituto Florestal que solicitou, contudo, sigilo com relação à fonte.

A estátua teria sido fixada na área aberto do Parque Estadual Albert Lofgren, em região próxima ao Museu Florestal no dia 21 de setembro de 1970. No mesmo ano em que, por força da Lei Estadual datada de 11 de setembro de 1970, na gestão do então Governador Roberto Costa de Abreu Sodré, o Curupira foi instituído como “símbolo estadual do guardião das florestas e animais que nelas vivem.”

Na década de 1990, contudo, a obra teria sido depredada e jogada em uma caçamba de lixo. Encontrada e restaurada por um antigo funcionário do Instituto Florestal, a estatueta não foi aceita de volta pela então administração do parque e o funcionário teria a guardado até esse ano em sua residência. Em contato com o servidor Robinson Dias da Silva, o protetor da estátua, manifestou interesse em deixá-la por tempo indeterminado em exposição no Museu Florestal. No mês de maio, poucos dias antes da inauguração da exposição ele entregou a estátua sob os cuidados do servidor Robinson, ocasião em que já estava pintada de vermelho e assim foi exposta.

Foi dedicado um nicho para a estátua que dialoga perfeitamente com o tema da Semana de Museus e constitui memória material da história da instituição.

Um pequeno texto contanto a história da estátua foi afixado ao seu lado.

Foto da estátua em seu local originário, antes de ser depredada. Sem data.

Ainda na sala principal, foi montado um "***Gaveteiro de curiosidades****":*

Imagem do gaveteiro ainda no processo de montagem da exposição. Sobre ele também foi exposto busto em gesso (pintado) de Octávio Vecchi

Com o chamado afixado no móvel (etiqueta azul, na foto) com os dizeres "*Abra as gavetas e conheça casos curiosos do Museu Octávio Vecchi!* cada gaveta continha um pequeno texto diferente, todos fundados em documentação administrativa constante no acervo do museu. Alguns casos curiosos, que exemplificavam a diversidade de acontecimentos que marcaram a instituição foram relatados em passagens curtas, a seguir reproduzidas:

O estilingue

Em 1944, um menino chamado Armando Coelho foi pego caçando passarinhos com um estilingue perto do Museu Florestal. Ele foi repreendido e entregou o estilingue para os funcionários, prometendo nunca mais caçar os pássaros. Como prêmio, os funcionários o deixaram assistir as sessões de cinema gratuitamente.

Palavrão que gerou suspensão

Um funcionário do Serviço Florestal foi suspenso do trabalho em 1933 por escrever o nome de uma árvore com um palavrão no meio, em um relatório. Dois funcionários foram chamados na direção do SF para servirem como testemunhas no caso e o autor terminou confessando a brincadeira.

Visita dos reis da Suécia

O Museu Florestal Octávio Vecchi recebeu em maio de 1992 a visita dos reis da Suécia, Carl Gustav e Sílvia. O evento marcava a mudança do nome do Horto Florestal para Parque Estadual Alberto Löfgren, em homenagem ao naturalista sueco, um dos primeiros ambientalistas a trabalhar no Brasil.

Milho e feijão na Serra da Cantareira

Em 1933 um guarda da “Repartição das Águas” que morava na Serra da Cantareira foi denunciado para a diretoria do Serviço Florestal por derrubar árvores da mata para plantar milho e feijão. Apesar de ser avisado pelos guardas florestais, ele continuou derrubando e plantando, por isso foi denunciado e punido pelo SF.

Fotografia no Horto Florestal

O Museu Florestal já teve um estúdio fotográfico! Em 1938 a Seção Técnica atendeu um pedido para instalar um gabinete fotográfico e contratou o fotógrafo profissional Waldomiro Ract.

Enfermaria

O ambulatório do Horto Florestal atendia casos simples e de urgência de funcionários e suas famílias. A enfermaria oferecia assistência médica uma vez por semana e o zelador do Museu Octávio Vecchi, que tinha experiência como enfermeiro, dava injeções e fazia curativos sem cobrar nada por isso.

Japão pede sementes

Após a II Guerra Mundial o Japão precisava reconstruir suas cidades e em 1951 o reitor da Universidade de Hiroshima pediu ao Serviço Florestal sementes de árvores para transformar o ambiente de estudos. A Universidade precisava de muitas árvores novas para criar um ambiente de paz e renovação para seus 4500 alunos.

Exposições de desenhos o ano todo

Desde 1998 o Museu Octávio Vecchi tem uma parceria com o Movimento Infantil Crescendo com Arte (MICA), que expõe desenhos de crianças do mundo todo neste espaço. São feitos concursos para escolher os melhores desenhos, que são premiados.

Algumas das gavetas em que são localizadas as curiosidades foram enriquecidas com objetos lúdicos que guardavam relação com o tema específico. Acompanhando o acontecimento sobre o caso do estilingue, foi colocado uma reprodução de um estilingue feita pela equipe do museu com galho recolhido no parque e pedaço de elástico; na gaveta que falava sobre a existência de uma enfermaria nas dependências do Museu Florestal foi colocada uma seringa plástica. Esses objetos, contudo foram subtraídos no decorrer da exposição.

Ainda, no tocante à passagem "*Japão pede sementes",* foi montada uma vitrine e exposta a tradução elaborada na Universidade de São Paulo e remetida ao Museu Florestal em 1951 da carta original enviada pelo reitor da Universidade de Hiroshima, que integra a documentação do museu. A vitrine foi ainda enriquecida com sementes, conforme já relatado.

Ao fundo, atrás do gaveteiro, foram afixados os quadros com dados quantitativos de distribuição de mudas realizadas pelo Serviço Florestal entre os anos de 1911 a 1920 (direita) e 1931 – 1940 (esquerda), ambos assinados por Mansueto Koscinski, que chefiou a Seção do Museu Florestal.

Nessa visão da sala principal é possível localizar o *Gaveteiro de Curiosidades*, a *Mesa do pesquisador* e, ao fundo, atrás do círculo de toras uma pintura de óleo em tela. Trata-se de uma paisagem de autoria de Diógenes Campos Ayres.

A pintura executada em óleo sobre tela intitulada *Mata Virgem* por Diógenes Campos Ayres data de 1928, ano do início da construção do edifico sede do museu e consta em seu acervo original, como obra exposta em sua inauguração.

A obra estava na reserva técnica e foi exposta mesmo com necessidade de restauro na tela e moldura (feita em gesso com acabamento na cor dourada). Foi afixada em uma das paredes do ambiente mais amplo (sala principal do espaço de exposições de curta duração), entre o corredor de acesso ao restante da área de circulação do piso térreo e o acesso a escada interna que leva ao piso superior (no piso superior se encontra a exposição de longa duração).

Além do valor artístico da obra, a sua presença na exposição foi pensada como uma maneira de mencionar a preocupação original na reunião de um acervo com valor estético harmonizado com as peças de valor científico e de mostruário da diversidade das madeiras pesquisadas pelo Serviço Florestal.

Na área com contorno alaranjado, indicada no croqui, foi colocado um espaço de ***projeção de vídeos*** que integra a exposição, de um lado e ***ferramentas de marcenaria*** na parede oposta. No centro do espaço há um tronco da espécie *Aroeira do Sertão* que serviu de sustentação para a igreja matriz de Batatais, tendo ficado enterrada (e permanecendo íntegra) por mais de 105 anos; como peça do acervo e de difícil deslocamento, além de compor a exposição também divide o ambiente ocupado em uma das metades pelo equipamento de projeção e, na outra, pela bancada e ferramentas de marcenaria.

Bancada e painés em que foram dispostas as ferramentas de marcenaria.

Vista frontal da disposição das ferramentas de marcenaria sobre bancada e legenda afixada em um disco de madeira.

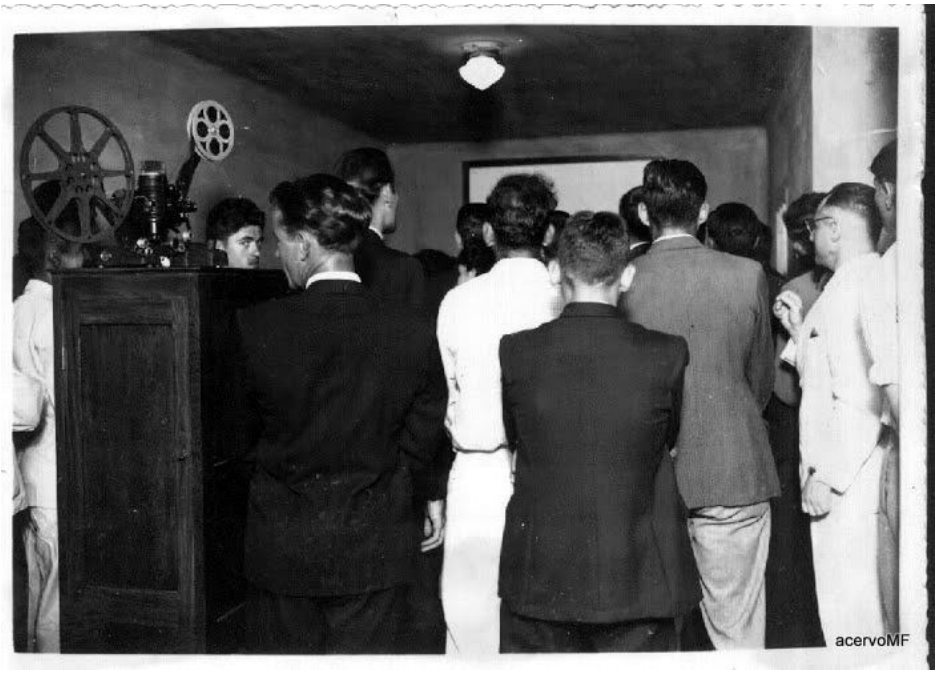
O espaço destinado à projeção de vídeos foi pensado também como estratégia de divulgação do serviço de documentação fotográfica e cinematográfica realizados pela equipe do Museu Florestal a partir de 1938, sob os cuidados do fotógrafo, funcionário do Serviço Florestal Waldomiro Ract. Na década de 1940 e 1950 havia no museu sessões de cinema para o público visitante. O projetor (da década de 1950) usado na ambientação integra o acervo do Museu Florestal.

As exibições eram realizadas no piso superior do Museu Florestal conforme consta no trecho do relatório elaborado por Don Bento Pickel (então Chefe da Seção do Museu Florestal) em 1954. Para as exibições, foram confeccionados móveis específicos para a colocação do projetor e guarda do acervo de rolos de filme e discos, bem como assentos para o público. Atualmente, os assentos mobíliam o auditório do Museu Florestal, localizado no piso inferior.

Referindo-se ele à composição da Ala Fernando Costa (espaço de exposição de longa duração):

> Na mesma sala está localizada o cinema com a filmotéca e discotéca, como também um aparelho de projeção e um registrador de som.
>
> A sala contigua, o auditório, se destina às reuniões dos técnicos e às secções de cinema para os visitantes, como também para cursos de botânica e ciências correlatas. (Anexo III - PICKEL, 1954)

Em algum momento também foram realizadas projeções no piso inferior do Museu Florestal, conforme retratado na imagem abaixo (atualmente, o espaço integra área administrativa do museu).



Dentre as projeções selecionadas para a exposição, exibidas em revezamento, destacam-se: apresentação das fotografias do Álbum *Flora Lenhosa* de Octávio Vecchi; imagens institucionais com vídeos mostrando incursões da equipe do Serviço Florestal na Serra da Cantareira para coleta de material botânico, a subida até a “predra grande” com o uso de cabos de corda, realizadas na década de 1940; imagens do Horto Florestal; vídeos sobre o Trem da Cantareira, que foi importante para a história do Horto Florestal e do museu e animação sobre o *Curupira.*

Por fim, na área destacada em azul no croqui foi destinada à realização de oficinas. Nela também foram dispostos sobre uma mesa que compõe o acervo, os terrários produzidos pela equipe do museu para a exposição, bem como o espaço destinado à leitura e contação de histórias.

Permaneceram na exposição algumas peças do acervo do museu, como mobiliário, toras e discos de madeira.

Foto aproximada dos terrários.

2.3 Relatório fotográfico das oficinas realizadas durante a 13ª Semana de Museus

Conforme a programação, foi realizada em **20 de maio de 2015, quarta-feira,** uma atividade na sede da Fundação Maria Luisa e Oscar Americano, localizada na Avenida Morumbi, n. 4077, Bairro do Morumbi, São Paulo – SP.

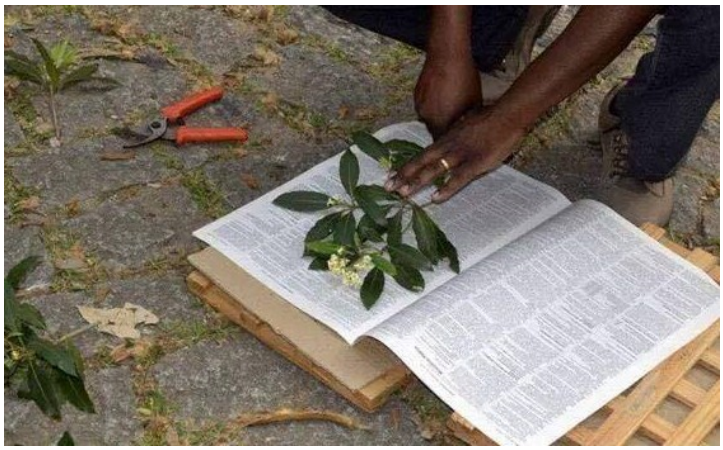
O motivo da realização em local externo à instituição foi uma parceria com a Fundação Maria Luisa e Oscar Americano que se deu pelo fato de que a sede da fundação teve o projeto paisagístico e sua manutenção por cerca de 20 anos pelo engenheiro agrônomo e paisagista Otávio Augusto Teixeira Mendes (1907-1988), que também trabalhou como técnico no Serviço Florestal por muitos anos, sendo que por dois períodos distintos (1946 – 1948 e 1958 – 1959) ocupou o cargo de Diretor Geral.

A atividade conduzida pelo Pesquisador Científico do Instituto Florestal Osny Tadeu Aguiar teve como tema específico "A valorização da flora nativa e sua importância na arborização urbana", compreendeu visita a campo, noções básicas de botânica, com reconhecimento prático de espécies nativas e de elaboração de exsicatas.

Fotos da atividade:

No dia **21.05.2015** foi realizada a atividade intitulada **Expedição botânica** que envolveu saída a campo, no entorno do museu, no Horto Florestal - Parque Estadual Albert Löfgren, integrada com oficina na parte interna do Museu Florestal. Essa atividade também foi orientada e conduzida pelo Pesquisador Científico do Instituto Florestal, botânico taxonomista, Dr. Osny Tadeu Aguiar. A atividade envolveu noções de identificação e classificação botânica, reconhecimento de espécies em campo e montagem de exsicatas.

Nesta oficina, bem como na realizada no dia anterior na Fundação Maria Luiza e Oscar Americano, o Osny levou material usado em campo para coleta de material botânico, como “podão”, alicate de poda, estufa portátil e amostras originais de exsicatas pertencentes ao acervo do Herbário Don Bento Pickel do Instituto Florestal.



Demonstração de coleta de material botânico em campo.

Exemplar original de exsicata do acervo do Herbário do Instituto florestal.
Amostra de Jequitibá Vermelho, de 1952

Além das duas **Oficinas de brinquedos**, previstas inicialmente na programação foi realizada uma edição extra tendo em vista a demanda do público interessado. Elas aconteceram nos dias **19, 22 e 26 de maio de 2015**

Conduzidas pelo funcionário do IF, Ricardo Marcelo Giacon, o objetivo era utilizar objetos simples do cotidiano, como palitos de sorvete e pregadores de roupa, para construção de brinquedos que objetivou estimulando o lúdico e a percepção.

A oficina contou com a presença cheia e energia das educadoras e das crianças do Centro de Convivência Infantil do Instituto Florestal no dia 19, jovens e adultos atendidos pelo NAIS nos dias 22 e 26 de maio, além de visitantes espontâneos, que compareceu sem prévio agendamento presentes sobretudo no dia 22 de maio.

22 de maio 2015

26 de maio de 2015.

A **Ação Educativa "Que árvore é essa?"** visou estimular a observação da morfologia de algumas espécies como encontrar o Pau-brasil, a Unha-de-vaca e a Embaúba. Com abordagem lúdica, integrou a visitação às exposições de curta e longa duração, bem como saída ao parque, para a localização das espécies comentadas na visita ao acervo. Foi realizada em **22 de maio de 2015.**

Eduardo, compartilhando com os colegas o recente aprendizado de que em uma sementinha cabe uma árvore imensa, durante a atividade do dia 22.05.2015.

Sábado, dia **24 de maio de 2015**, como parte da programação da Semana Nacional de Museus teve atividade externa com o Bike “Anjo” que realizou a Oficina “Andar de bicicleta e de sorrisos” nas dependências do Parque Estadual Alberto Lofgren. No Museu foi montado um espaço para incentivo à leitura.

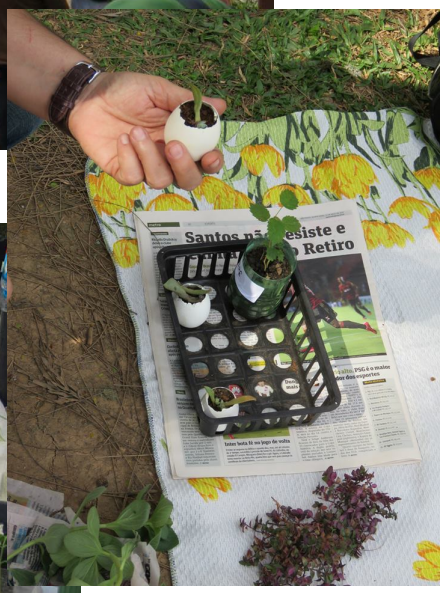
Espaço de incentivo à leitura.

Domingo 25.05.2015

09h30 às 11h: AÇÃO EDUCATIVA - "Passeio verde árvores e aves". Tendo como ponto de partida o museu, será realizada uma trilha pelo Horto Florestal - Parque Estadual Albert Löfgren, ação que visa a sensibilização ambiental, promovido por voluntários do Instituto Àrvores Vivas.

Domingo 25.05.2015

11h às 15h: 20ª edição do “PicNic de trocas de mudas e sementes da estação – São Paulo", na área do Parque Estadual Albert Löfgren.



Domingo 25.05.2015

11h às 12h: OFICINA “BOLOTAS DE SEMENTES”. Atividade lúdica de educação ambiental.

15h às 16h: PALESTRA

Realizada pelo coletivo **"SOS Resgate de Abelhas Sem Ferrão"** no auditório do Museu Florestal e que abordou a importância das espécies nativas de abelhas extremamente importantes para o equilíbrio da fauna e da flora.

Além das atividades externas, o horário de visitação ao museu foi estendido (Somente no domingo, dia 24 de maio, 815 pessoas visitaram o espaço expositivo).

2.4 Avaliação da Recepção do Público

Durante o período de 18 de maio a 28 de setembro de 2015, o público contabilizado que visitou a exposição foi de 9.049 pessoas, sendo que dessas, 1.112 visitaram o espaço de exposições durante a 13ª Semana Nacional de Museus, ou seja, entre 18 e 24 de maio de 2015.[26]

Apesar do projeto de pesquisa desta monografia prever a inclusão de entrevistas com visitantes e funcionários, essa parte do projeto não pode ser concluída. Em anexo (Anexo VI) constam os questionários respondidos pelas estagiárias Yanasha e Vanessa que participaram de todo o processo de concepção e montagem da exposição.

Cumpre apontar, contudo, algumas impressões fruto de relatos de visitantes como da observação da interação deles com a exposição e com os funcionários do museu.

As ferramentas de marcenaria também foram motivo de grande curiosidade e comentários, sempre suscitando relatos de pessoas que tinham familiaridade com os objetos.

Os funcionários e pesquisadores que visitaram a exposição, dentre eles os Pesquisadores Científicos Sandra Florshein, Osny Tadeu Aguiar, José Luiz passaram impressões positivas sobre a ambientação. Destaca-se comentário do PqC. José Luiz que disse que se sentiu no filme do século XIX.

A prévia passagem pela exposição de curta duração qualificou a fruição da exposição de longa duração. Muito recorrente, por exemplo, foi o

[26] A contagem de público é feita por intermédio de contador manual. O numero indicado se refere aos visitantes que efetivamente entraram no espaço expositivo, não sendo aqui contabilizados o público que participou exclusivamente de atividades externas ao edifício.

reconhecimento do desenho do assoalho (cujo original foi exposto no piso inferior) no projeto efetivamente executado no *hall do piso superior.*

Imagem: Piso do *hall* do espaço de exposição de longa duração. Foto de Robinson Dias da Silva – Acervo do Museu Florestal, sem data.

A interatividade, seja pelo manuseio de peças em exposição, em especial na mesa do pesquisador e pela grande quantidade de fotografias tiradas pelos visitantes que incorporavam o *cientista* foi atingida.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exposição contribuiu positivamente para a necessidade de afirmar a identidade institucional e a vocação do Museu Florestal Octávio Vecchi.

A presente pesquisa acabou por identificar que, a despeito das inúmeras alterações, há uma essência ainda latente e que merece ser ressaltada, que são as referências presentes de museu de história natural de uma tradição naturalista, que não se limita à exposição sistemática e classificatória, mas alia arte e natureza, como estratégias de sensibilização do público e recursos para divulgação da ciência e da pesquisa institucional.

O exercício de contar a história institucional é permeado por problemas sempre presentes, latentes, que poderiam ser sintetizados em questões como “Que museu é esse” e “O que há a ser contado?”, norteando a estratégia de comunicação, pois além das referências históricas há ainda a reflexão sobre sua vocação, sua missão institucional e um espaço de educação ambiental.

De acordo com Ulpiano (MENESES, 2010.), o museu pode ser analisado como um sistema de comunicação/informação.

> “O museu nas suas diversas modalidades e em escala diferenciada é uma plataforma capaz de articular solidariamente funções científico-documentais, culturais e educacionais. Isso significa que informação, conhecimento, fruição estética, sonho, devaneio, formação da sensibilidade e do espírito crítico, ‘alfabetização’ sensorial, referências de memória e identidade etc.etc.etc. podem desenvolver-se alimentando-se mutuamente. Essa solidariedade é privilégio do museu, que em outras instituições pode existir de maneira muito mais frágil ou descontínua.” (MENESES, 2010. p. 16)

Dessa peculiaridade emerge um potencial e uma responsabilidade institucional do museu se firmar como espaço de emergência de perguntas, muito mais do que um “mostruário” de respostas prontas e acabadas. (Meneses, 2010. p. 20).

Em dissertação tendo como tema o Museu Florestal Octávio Vecchi, a pesquisadora Elisabete Priedols coloca que o museu foi estabelecido por Vecchi sob metodologia interdisciplinar, uma tendência que somente será afirmada no campo museológico na década de 1970, divulgada como expressão de uma nova museologia na Mesa-Redonda de Santiago, no Chile, em 1972. (PRIEDOLS, 2011, p. 20), em consonância, por sua vez, com os objetivos e princípios discutidos na Conferência sobre Meio Ambiente Humano, realizada pela Organização das Nações Unidas – ONU, em Estocolmo, também em 1972 e que insere no debate sobre meio ambiente a importância da educação ambiental.

O impulso no processo de musealização da natureza é tributário da consagração do método desenvolvido por Lineu (1707 – 1778), sobretudo com a publicação de sua obra *Systema Naturae*, de 1735, instituindo a proposta taxonômica que triunfou nas ciências naturais, válidas para os reinos animal, vegetal e mineral. (SILVA, 2006, p. 38).

A origem mais remota da sistemática organizada por Lineu remonta à antiguidade clássica, com os estudos de Aristóteles e Plínio de pretensão enciclopédica. (SILVA, 2006, 39 – refere-se à obra de BLOM, 2003).

> No âmbito dos museus de ciências naturais, ocorre o processo de “extração das referências patrimoniais do meio natural, da sua conservação e da sua ordenação lógica e sistêmica para a transmissão de informações por meio de publicações especializadas e exposições para o grande público. A partir dessa cadeia sistêmica é que se consolidou o fenômeno museológico, por meio da organização de um processo de trabalho especializado, bem como pela possibilidade do estabelecimento do *fato museal.* Em 1683, a abertura do Ashmolean Museum para visitação pública efetiva oficialmente as ações

> muselógicas, traduzidas aqui como **Preservação da Natureza em Museus**." (SILVA, 2006, p. 37).

No Museu Florestal, os objetos musealizados têm ainda um segundo nível de representação cultural, pois não servem para a sistematização e como subsídio para o desenvolvimento da ciência, para o estudo das cadeias de relações, classificações com objetivo de domínio do conhecimento, mas também como exercício e prova da técnica, da ciência aplicada, que serve aos interesses humanos, da indústria, bem como suporte da arte.

Outros suportes artísticos foram inseridos no museu, oriundos do diálogo entre pesquisa científica e práticas artísticas, conferindo ao acervo uma dimensão estética e histórica dinâmica.

A missão institucional do Serviço Florestal, cabe lembrar, tinha facetas complementares, não só cabia a ele o estudo de espécimes úteis à exploração racional, como técnicas de cultivo (silvicultura) para otimizar a exploração, poupando a mata nativa e, ainda, a proteção e reflorestamento tendo em vista a manutenção da biodiversidade.

Octávio Vecchi teve a sensibilidade de pensar um espaço que dialogava com essas diferentes facetas, integrando a comunicação museológica e a divulgação científica no mesmo ambiente de produção de ciência. Nesse sentido, a exposição conseguiu abarcar dimensão tão importante da história e identidade do Museu Florestal.

Conforme o projeto original, o próprio espaço físico do museu foi pensado de forma a abrigar tanto o acervo para exposição pública, como laboratórios de pesquisa, tornando mais viva essa relação. Essa acomodação não foi ocasional, mas prevista já no projeto arquitetônico.

A exposição de curta duração pode criar uma ambientação capaz de sintetizar o ambiente de pesquisa, com referencial de ambiente de exposição do século XIX como fator que integra a identidade do Museu Florestal.

As atividades externas e oficinas, que compuseram a programação da 13ª Semana de Museus também foram relevantes no sentido de afirmar compromisso da instituição com a sustentabilidade e a educação ambiental, repercutindo de forma positiva na reafirmação sempre necessária de sua forma de se relacionar com a comunidade.

Algumas das soluções empregadas na comunicação museológica na exposição *"Lugar de Árvore é no Museu? – O Museu Florestal Octávio Vecchi conta a sua história"* foram escolhidas pela equipe do museu para serem incorporadas na exposição de longa duração, em especial a ambientação de pesquisa, com especial destaque para a "Mesa do pesquisado", com adequações para compatibilizar a fruição e interatividade (que deverá ser um pouco mais limitada) com a preservação do acervo, tendo em vista que as limitações impostas para a conservação do assoalho original.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Edmundo Navarro de. *Utilidade das Florestas.* Secretaria da Agricultura, Commércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo. Typographia Alongi, 1912.

ANDRADE, Edmundo Navarro de; VECCHI, Octávio. *Le bois indigènes de São Paulo: contribuition à l'étude de La flore forestiere de l'état de São Paulo.* Secretaria da Agricultura, Commércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo, 1916.

ASSIS JÚNIOR, Heitor de. Litografias e obras artísticas na Flora Brasiliensis. *Revista de História da Arte e Arqueologia* – UNICAMP. Número 15. jan/jun. 2011.

BRAGA, Maria do Rosário de Assumpção. *Relações entre Arte e Ciência em Centros e Museus de Ciências*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde)- Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2004. Disponível: http://arca.icict.fiocruz.br/bitstream/icict/6135/2/44.pdf

CALDATTO BARBOSA, Gino; CALDATTO BARBOSA, Ney; FERNANDÉZ ALVES, Jaqueline. *O Palácio do Café = The Coffee Palace.* São Paulo: Magma Cultural e Editora, 2004.

CANDIDO, Antonio. Arte naquele tempo (Memórias). *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 54, p. 13-20, mar. 2012. ISSN 2316-901X. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/49109/53187>. Acesso em: 02 Mai. 2015.

CARVALHO, Paula Carolina de Andrade. O Museu Sertório: uma coleção particular em São Paulo no final do século XIX (primeiro acervo do Museu Paulista). *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material.* 2014, vol. 22, n.2, p.105-152.

CASAZZA, Ingrid Fonseca. O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX. *Cad. Saúde Pública* [online]. 2012, vol.28, n.3 [cited 2014-09-22], pp. 605-606 . Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2012000300021&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0102-311X. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2012000300021.

COSTELLA, Antonio F., *Xilografia na Escola do Horto: Adolf Kohler e seus discípulos.* Campos do Jordão: Ed. Mantiqueira, 2005.

FARIA, Patricia Sanches. *Memórias para uma poética: Herbário Mnemosine: uma biblioteca de testemunhos.* Dissertação de Mestrado do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, 2008.

FIGUEIROA, Silvia F. de M.. 'Batedores da ciência' em território paulista: expedições de exploração e a ocupação do 'sertão' de São Paulo na transição para o século XX. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro , v. 15, n. 3, set. 2008 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.

Flora Brasileira: história, arte & ciência. Ana Cecília Martins (org); (prefácio de Marcos Sá Corrêa). – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.

GOUVEIA, Rosita. *Adolf Kohler e a escola de Xilografia do Horto Florestal.* (Catálogo de exposição). Museu Lasar Segal - Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. Presença da Itália na produção do móvel e do desenho brasileiros: 'Fábrica de Móveis Federico Oppido & Irmão'. *Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP*. Vol. 18, n. 30, 2011. (pp. 138-153). Disponível em http://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/43750, acesso em 16/09/2014.

IANNI, Octavio. Variações sobre arte e ciência. *Tempo soc., São Paulo , v. 16, n. 1, June 2004* . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702004000100001&lng=en&nrm=iso>. access on 21 Oct. 2014. http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702004000100001

Löfgren, Johan Albert Constantin. (verbete) *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930).* Capturado em 17/02/2015. Online. Disponível na Internet http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/muspaul.htm

LOPES, Maria Margareth. *O Brasil descobre a pesquisa científica. Os museus e as ciências naturais no século XIX.* São Paulo, Hucitex, 1997.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A comunicação/informação no museu: uma revisão com premissas. *I Seminário de Serviços de Informação em Museus.* (Coordenação: Isabel Cristina Ayres da Silva Maringelli e Gabriel Moore Forell Bevilacqua; apresentação: Marcelo Mattos Araujo). ISBN 978-85-99117-73-6. São Paulo: Pinacoteca do Estado, São Paulo.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Ser. v.2 p.9-42 jan./dez. 1994. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v2n1/a02v2n1.pdf

MOI, Cláudia. Homens de ciência: a atuação da elite letrada na cidade de São Paulo na criação da Comissão Geográfica e Geológica. *Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade.* ISSN 2176-4174, ed. n.1 (2008): Cidade e Linguagens. Disponível em: http://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/viewFile/10320/7704

MORAES, Julio Lucchesi. A Modernidade Acadêmica: Os primeiros tempos do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. 19&20, Rio de Janeiro, v. V, n. 4, out./dez. 2010. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/ea_liceusp.htm

Museu Paulista. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Capturado em 17/02/2015. Online. Disponível na Internet http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/muspaul.htm

NIEMEYER, Ana Maria de; TARASANTCHI, Ruth Sprung. “Antonio Paim Vieira: um pioneiro.” Disponível em http://hortusdelineatussp.jimdo.com/paim-vieira/ São Paulo, julho de 2013.

NOVO. Maura de Andrade. *Alinha gravada: desdobramentos.* Dissertação (Mestrado em artes visuais) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

OLIVEIRA, R. L. de, CONDURU, R.: ‘Nas frestas entre a ciência e a arte: uma série de ilustrações de barbeiros do Instituto Oswaldo Cruz’. *História, Ciências, Saúde* — Manguinhos, vol. 11(2): 335-84, maio-ago. 2004.

O’MALLEY, Therese; WEYERS, Amy R. W. (ed.). *The Art of Natural History: Ilustrated Treatises and Botanical Paintings*. 1400 – 1850.

ORMINDO, Paulo (org.); textos Rejan Rodrigues Guedes-Bruni... et al.; Ilustrações botânicas Malena Barreto e Paulo Ormindo. *Guia de Árvores notáveis: 200 anos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2008.

PENNA-FORTE, Marcelo do Amaral. *Iconografia científica: um estudo sobre as representações visuais na ciência.* Tese de doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2006. Disponível em www.bibliotecadigital.unicamp.br.

PRIEDOLS, Elisabete. *O Museu Florestal Octávio Vecchi: trajetória e contribuição para a história ambiental brasileira.* Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

ROCHA, Yuri Tavares; CAVALHEIRO, Felisberto. Aspectos históricos do Jardim Botânico de São Paulo*. Rev. bras. Bot., São Paulo , v. 24, n. 4, supl. Dec. 2001 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-84042001000500013&lng=en&nrm=iso>. access on 30 Mar. 2015.*

Rodriguésia – Revista do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. ISSN - 0370-6583 (versão impressa) / ISSN - 2175-7860 (versão eletrônica).

SANTOS, João Vicente. *O Naturalista Octávio Vecchi*, 1943 (Transcrição de palestra ministrada no auditório da Biblioteca Municipal de São Paulo, em 28

de agosto de 1943 Municipal de São Paulo em 28 de agosto de 1943 aos "Amigos da Flora Basílica"). Fotocópia cedida por J. B. Baitello.

SILVA, Maurício Candido da. *Christiano Stockler das Neves e o Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo* [on line]. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Arbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em www.teses.usp.br. Acesso em 2014-08-10

_____. *Musealização da natureza: exposições em museu de história natural como representação cultural.* Tese (Doutorado em história e fundamentos da arquitetura e do urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em www.teses.usp.br. Acesso em 2014-08-10

SANJAD, Nelson. Charles Frederick Hartt e a institucionalização das ciências naturais no Brasil. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro , v. 11, n. 2, Aug. 2004 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702004000200016&lng=en&nrm=iso>. access on 17 Feb. 2015. http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702004000200016.

SÃO PAULO (ESTADO). Secretaria do Meio Ambiente; Instituto Florestal. *Parque Estadual Alberto Löfgren: Plano de manejo.* São Paulo: Instituto Florestal, 2009. Disponível em: http://www.ambiente.sp.gov.br/if/Plano_de_Manejo_PE_Alberto_Lofgren_.pdf

SÃO PAULO (ESTADO). Secretaria da Agricultura; Instituto Florestal. *O Instituto Florestal - São Paulo – Origem e Evolução.* Publicação n.º 3. São Paulo, setembro de 1973.

SÃO PAULO (ESTADO). Secretaria do Meio Ambiente; Instituto Florestal. *Informativo do Instituto Florestal - ANO 3 Nº 10. Outubro-Dezembro,* 2011.

SÃO PAULO (ESTADO). Secretaria do Meio Ambiente; Instituto Florestal. *Informativo do Instituto Florestal - ANO 3 Nº 12 Abril / Maio/ Junho*, 2012. p. 04. Disponível em: 2012http://iflorestal.sp.gov.br/files/2013/05/IF_noticias_n12.pdf

TARASANTCHI, Ruth Sprung. Paim, um artista nacionalista. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 29, p. 101-110, dez. 1988. ISSN 2316-901X. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70135>. Acesso em: 01 Mai. 2015.

VECCHI, Octávio. *Flora Lenhosa do Estado de São Paulo* – álbum e fotografias do período de 1913 a 1927. Inédito, 1927. Acervo pessoal de João Batista Baitello. Consultado em julho de 2014.

VICTOR, Mauro Antônio Moraes; GUILLAUMON, João Régis; FILHO, Renato Serra. *Cem anos de devastação: revisitada 30 anos depois*. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Biodiversidade e Florestas. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005. 72 p, 23 cm.

ANEXO I: Recorte com a notícia sobre a inauguração do Museu Florestal publicado no jornal Diário Nacional de Terça-Feira, dia 29 de setembro de 1931, pág. 5.

Inaugura-se amanhã o Museu Florestal na Cantareira

Os alumnos dos grupos escolares realizarão uma aula-passeio ao Horto Florestal

Procurando dar á festa das arvores um cunho acentuadamente educativo, a Directoria Geral do Ensino, resolveu organizar sabado ultimo uma aula-passeio de alumnos dos grupos escolares desta capital, ao Horto Florestal da Cantareira. Entretanto, em virtude das ultimas chuvas, que haviam tornado os terrenos do Horto muito humidos, essa aula foi transferida, devendo realizar-se amanhã.

Irão, de cada grupo escolar, oito alumnos, o que dará um total de 600 crianças, que serão acompanhadas pelo director e de uma professora do respectivo estabelecimento, para que possam ter todas as explicações necessarias. As crianças plantarão arvores, em terreno especialmente preparado para isso, e farão depois um passeio pelas varias plantações do Horto, recolhendo observações para um relatorio que apresentarão aos seus colegas de classe.

Após esse passeio, as crianças receberão uma farta merenda e visitarão, em turmas, o Museu Florestal, que será inaugurado naquella occasião, pelo Interventor Federal em São Paulo.

Esse museu, que ha muito devia ter sido inaugurado, pois se acha concluido, desde outubro do ultimo anno, está construido no alto de uma pequena-colina, sobranceira a um lago.

No rez-do-chão do museu existe completo laboratorio, afim de estudar chimicamente as madeiras, verificando suas calorias, resistencia, quantidade de resinas e taninos, etc.

Nas salas do primeiro andar, encontram-se caixas de vidro com os frutos e folhas das arvores e uma collecção de pranchas de madeira, mostrando seu aspecto em estado natural e depois de inverisadas, ou simplesmente polidas.

Por occasião do plantio das arvores, fallará ás crianças o dr. Lauyr de Castro Cetti, da secretaria da Agricultura.

A partida de alumnos e professores se dará ás 8 horas, da estação do Tamanduateby, em trem especial do Tranway da Cantareira, devendo seguir tambem o Orfeão do Instituto Pedagogico, acompanhado do professor de musica daquele estabelecimento e de uma inspectora.

A Cruz Vermelha, attendendo á solicitação da Directoria Geral do Ensino, enviará para o local um posto de assistencia. O policiamento será feito pelos escoteiros, que irão hoje acampar em terrenos do Horto.

Para a merenda das crianças, a empresa Leite Elite offereceu 1.500 litros de leite e a secretaria da Agricultura 1.000 pães.

ANEXO II.

Documento “Contribuição para justificação da criação do Museu”
Elaborado em 1948
Interessado: Diretoria do Serviço Florestal
Assinado em 16 de Julho de 1948 por Mansueto Estanislau Koscinski, Engenheiro Silvicultor encarregado do Museu Florestal.

Transcrição:

- 1 -

MUSEU FLORESTAL
7,106/48.
ASSUNTO:
Contribuição para justificação
da criação da Secção do Museu.

São Paulo, 16 de Julho de 1948.

Senhor Diretor

O Museu Florestal foi fundado durante a presidência do Dr. Júlio Prestes.

Foi seu idealizador o criador o Dr. Octávio Vecchi, então Diretor do Serviço Florestal, (falecido em 1932).

Inaugurado o prédio em 1931, foi iniciada a organização dos mostruários, que constam hoje de 40 coleções com mais de 9.000 peças. O Museu Florestal representa uma curiosidade “sui generis”, pois está organizado no sentido de demonstrar as nossas riquezas florestais e o seu racional aproveitamento para a Econômia Nacional e Cultural em Geral.

No seu papel essencialmente didático, pela exposição adequada dos seus interessantíssimos mostruários, palestras, conferências e projeções cinematográficas, oferece ao público visitante possibilidades culturais extensivas a todas as classes sociais, independente da questão de idade e profissão dos indivídúos.

O seu programa de pesquizas e ensino se ramifica em nove grupos:

1) – Bibliotéca;
2) – Campo experimental;
3) – Cinema;
4) – Ecologia florestal;
5) – Estatística;
6) – Extensão cultural;
7) – Mostruários tecnológicos; e
8)
9) – Meteorologia,

contando ainda com 24 subsecções de diversos serviços.

O Museu Florestal é hoje uma verdadeira universidade florestal.

- 2 –

O Museu Florestal além de demonstrar as riquezas florestais do nosso paíz e as suas possibilidades econômico culturais, desenvolve grande atividade no campo das pesquizas e experiências nos diversos setores (ilegível) na ciência florestal.

O seu papel didático está comprovado pela estatística, que registra o seguinte movimento das escolas que o procuraram durante os últimos 5 anos: 143 Estabelecimentos de Ensino de diferentes graus.

(...)

Seria justiça o Museu Florestal ser reconhecido oficialmente pelos Poderes Públicos como Secção, mesmo porque durante os anos de 1932 a fins de 1941 foi "Secção Técnica", aliás, a única Secção Técnica do Serviço Florestal, naquêle tempo.

O Museu Florestal serviu de modelo para a organização de outras Secções, e, embora em 1941, com a reforma do Dr. Fernando Costa, não alcançasse criação oficial como "Secção", continuou os seus trabalhos e ampliou as suas atividades; e, sempre funcionando como um centro organizado, vem prestando innúmeros serviços como orgam individual.

(...).

O pessoal técnico do Museu Florestal é composto, na sua maioria, de funcionários que se aproximam dos vinte e até de mais anos de serviços prestados nesse estabelecimento.

O programa científico e didático do Museu, demonstrado no gráfico anexo, obedece a seguinte organização.

PESQUIZAS	MUSEU FLORESTAL ADMINISTRAÇÃO	ENSINO
Meteorologia	Expediente	Mostruário
Campo experimental	Arquivo	Extensão cultural
Ecologia Florestal	Conservação	Bibliotéca
Estatística	Assistência do público	Cinema
	Ambulatório	

Todos estes serviços, já em pleno funcionamento, provam cabalmente que êsta dependência justifica a sua existência tanto pelos serviços prestados como pelos direitos de antiguidade.

O impressionante gráfico da estatística dos visitantes e das escolas atendidas demonstra o grande interesse que o público revela pelo Museu Florestal, e só isso é uma justificativa cabal e insuspeitada necessidade de ser amparado este setor, pela legalização da sua situação dentro do Serviço Florestal, o que servirá de estímulo para a futura produção do Instituto, da mesma maneira como na atualidade pelo apoio moral que recebe de seu Diretor.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Senhoria meus protestes de estima e distinta consideração.

Assinatura

.....

Mansueto Estanislau Koscinski

Engenheiro Silvicultor

Encarregado do Museu Florestal

Ao Senhor Doutor Otávio Augusto Teixeira Mendes,
M.D.Diretor do Serviço Florestal do Estado.
Anéxos: 1 Gráfico de visitantes
1 Gráfico de Escolas
1 Gráfico de Organização

ANEXO III – Transcrição do documento “Guia pelo Museu Florestal Octávio Vecchi do Serviço Florestal Do Estado S.Paulo – Brasil”, elaborado por D. Bento Pickel, 1954

GUIA PELO MUSEU FLORESTAL “OCTÁVIO VECCHI”
DO
SERVIÇO FLORESTAL DO ESTADO
S.PAULO – BRASIL
1954

O Museu Florestal do Estado de São Paulo, fundado pelo Dr. Octávio Vecchi, então Diretor do Serviço Florestal, foi construído, sendo presidente do Estado o Dr. Julio Prestes e Secretário da Agricultura o Dr. Fernando Costa, mas só inaugurado em 21 de setembro de 1931, sendo Secretário da Agricultura o Dr. Laudo de Camargo.

O prédio em que se acha instalado é situado no centro do Horto Florestal, sobre um morro rodeado pelo “Arboreto Octávio Vecchi”, e sobranceiro ao lago. Os caminhos de acesso são asfaltados e ladeados de árvores robustas e vegetação arbustiva ornamental. O muro de arimo abriga um grande número de plantas rupicolas que cobrem a nudez da alvenaria.

No páteo que rodeia o prédio encontra-se o marco de capricórnio, o qual comemora a passagem ali do trópico na direção EW. Ali mesmo, em cima de um morro acha-se a Estação meteorológica “Horto Florestal”, a cargo do Museu, que se incumbe da transmissão dos dados para o Instituto de Meteorologia, a cuja rede a Estação pertence.

Entre as árvores do Arboretoconvem mencionar o “Pau-Brasil” (Caesalpiniaechinata”), a “Sibipiruna” (Caesalpiniapeltophoroides), o “Pinheiro do Himalaia” (Pinus longifolia), o “Pinheiro do brejo” (Taxodiumdistichum), o “Bambu Gigante” (Dendrocalamusstrictus), o “Guapuruvu” (Schizolobiumparahyba), jatobás, canelas, Jacarandás, Sacambús, Cedros, Ciprestes e muitas outras plantas, exóticas e nativas.

PRÉDIO

O prédio em estilo colonial, cuja frente dá para o Sul, do lado do lago, é avistado dos fundos quando o visitante se aproxima de carro. Esta dividido em dois pavimentos e tem acesso por meio de uma escadaria que leva ao pavimento superior.

HALL

O andar superior é dividido em cinco salas: logo na entrada fica o Hall, cujas paredes são ornamentadas com pinturas murais a óleo que representam árvores florestais nativas estilizadas, obra do pintor Prof. Francisco Paim. O soalho e o forro desta sala e das demais são feitos de madeira nacionais escolhidas. Duas taboletas pequenas, que existem em

cada sala, têm as legendas das madeiras empregadas nesse particular. Ocupam o recinto uma mesa e um conjunto de cadeiras artísticas, feitas de “Guaiuvira”.

ALA JULIO PRESTES

À direita do Hall fica a ala “Julio Prestes” com duas salas, havendo na primeira, dominando o recinto, a maquete da Serra da Cantareira* (atualmente a maquete se encontra no Núcleo Pedra Grande do Parque Estadual da Cantareira). Esta Serra, cujo sopé fica o Horto Florestal com o Museu, é uma reserva florestal de cerca de 2.500 alqueires, destinados a proteger a biota e coletar as águas pluviais dessa área pluviométrica. Existem na sala amostras de madeira entalhadas, discos com casca e alguma mobília artística. Num desses móveis existe o herbário do Museu, com especimens floridos das nossas árvores florestais. Nas paredes os óleos existentes ilustram o Dr. Padua Sales. Secretário da Agricultura em cuja administração foi criado o Serviço Florestal, a reserva florestal Dr. Washington Luiz, sita na estrada de Itú e o óleo “mata-virgem”.

À entrada da sala adjacente encontram-se duas peças de madeira petrificada e, nos armários, à esquerda se vê amostras de madeira empregada na fabricação de papel: constante de toras, cavacos, pasta de papel meio-digerida, celulose bruta, branqueada e em lençóes e, enfim, amostras de papel, fornecidas pela fabrica Melhoramentos de S.Paulo. As madeiras usadas para o fabrico de celulose e papel são as do pinheiro brasileiro e do Eucalyptussaligna. Na vitrine do charão existem bandejas, vazilhame e um biombo, lustradas com o célebre verniz do Japão, da árvore do charão (Rhussuccedanea). O Horto Florestal possue uma plantação dessa espécie originária da Indochina e mantem uma escola onde é manipulado o dito verniz eonde foram fabricados os objetos expostos.

Do lado oposto a esta Secção estão objetos rotulados de

“arte natural” “Arte xilográfica” e “Artefactos de madeira”. Chama-se “Arte natural”aquêlesobjetos que representam figuras, animais e homens, como se encontram, às vezes, em raízes e tocos, na mata. O artista D. Korchowski, com sua rica imaginação soube aproveitar vários desses objetos para transfomá-los por meio do buril em objetos de arte.

A “Arte xilográfica”, maneira mais antiga para ilustrar livros, ultimamente quase esquecida e substituida pela zincogravura e fotogravura, foi introduzida novamente no Brasil por um dos Diretores do Serviço Florestal de São Paulo, o qual fundou al fundou no Horto Florestal uma Escola de xilogravura, tendo como professor um técnico que se chamava Adolfo Kohler. A Escola infelizmente, extinguiu-se com a morte do professor e a aplicação dos discipulos.

A madeira empregada para a xilografia é de “Guatambu rosa" que, por sua textura firme e compacta, se presta melhor que a do “Buxo” usada na Europa para este fim.

Recomendam-se clichés de madeira por serem mais elásticos e mais duradouros, motivo porque com esses clichés se pode fazer até um milhão de cópias, enquanto, com os de zinco etc. apenas quinze mil.

Outra vitrine exibe “Artefactos de madeira”. Algumas madeiras nativas substituem com vantagens as exóticas, e já são usadas na indústria têxtil, na arte cinegética e na de ornamentação e bijuteria. Na indústria têxtil as espeulas, bobinas, fusos, lançadeiras etc., revestidos com charão, tem provado perfeitamente que não são sucedâneos, mas substitutivos das que nos vêm do Estrangeiro.

A sala abriga também cadeiras que foram do mobiliário do Visconde de Guaratinguetá, feitas de Maçaranduva e Cabreuva vermelha.

O meio da sala ocupam duas cristaleiras com frutos de árvores florestais e duas mesas com sementes nativas e exóticas.

Nas paredes existem 16 aquarelas de árvores em flor, da autoria do pintor Norfini.

ALA FERNANDO COSTA

Ao lado esquerdo do Hall ficas a “Ala Fernando Costa” também com duas salas. Na primeira está instalada a coleção biológica das madeiras do Estado. É composta de material botânico de

algumas árvores nativas, guardado em pequenas vitrines. O material consta de galhos com flores, e frutos, madeira com a casca e, às vezes, uma ampliação da estrutura da madeira. Cada vitrine acompanha uma amostra de madeira com cabo torneado e com flores e frutos esculpidos em madeira. Um lado da mostra envernizada e a outra ao natural.

As vitrines encerram as plantas mencionadas no fim dêste guia, sob o nome de “caixas”.

O centro da sala é ocupado por vários móveis, entre os quais convem salientar um conjunto completo de uma mesa e sete cadeiras imbutidas. Cada peça é fabricada de uma espécie de “Canela” (Lauraceae).

Na mesma sala está localizada o cinema com a filmotéca e discotéca, como também um aparelho de projeção e um registrador de som.

A sala contigua, o auditório, se destina às reuniões dos técnicos e às secções de cinema para os visitantes, como também para cursos de botânica e ciências correlatas.

Uma das paredes está tomada pelo tríptico que representa três episódios da história de São Paulo. Estes óleos, da autoria de Hélio Gerlinger exibem o 1º o descobrimento do litotal de São Vicente por Martim Afonso, o 2º uma bandeira chefiada pelo Fernão Dias Paes Leme, e o 3º um trecho da Cidade de São Paulo com seus arranha-céus. O lado oposto ocupam as telas de três personagens beneméritos do Museu, a saber Padua Sales, Fernando Costa e Octávio Vecchi.

ANDAR TÉRREO

No andar térreo encontra-se, correspondendo as duas salas do 1º andar, o museu de toras que representa uma mata em miniatura. As toras, secionadas em bizel, mostram um corte transversal, longitudinal o obliquo das principais árvores florestais do Estado de S.Paulo. Existem também

bizeis de madeira da Amazonia e traves de construções antigas. Uma dessas traves servia durante 105 anos como esteio numa igreja de Batatais e outras são do travejamento de prédios antigos da Capital, que estão conservadas perfeitamente.

Os bizeis pertence, às espécies botânicas que citaremos em seguida. Indicam-se também a idade provável e o número de anéis anuais mostrando o acréscimo por polegada.

Nesta lista incluem-se também as madeiras que estão no primeiro andar do prédio.

Numa dessas salas do andar térreo estão instalados a oficina de amostras, o escritório de Meteorologia da Estação “Horto Florestal” e o laboratório cine-fotográfico.

Chama-se atenção ao especimen rotulado “Mata-pau”, Esta curiosidade botânica colhida na mata representa um falso tronco formado das raízes aéreas de uma figueira brava (Ficus sp.) as quais estrangularam a árvore sôbre a qual ela cresceu. Vê-se a rede de raizes-cipós que permaneceu após a morte da árvore. Ao lado do “mata-pau” está exposto um caso de cancro de uma árvore.

Sôbre a mesa vêem-se modelos de madeira entabicada e esteres de lenha, que mostram o modo de secagem e conservação da madeira e lenha.

Num quadro-cartaz que representa o Estado de S.Paulo estão localizados as reservas florestais, os Distritos florestais, os Hortos experimentais e os viveiros florestais do Estado.

LABORATÓRIO

A ideia do fundador do Museu de anexar-lhe laboratórios só ultimamente chegou a realizar-se. Estavam previstos um laboratório físico-mecânico para o estudo das madeiras, um laboratório químico e entomológico. O primeiro, para o qual já se tinham comprado as máquinas,

começou logo a fazer parte com todo o material do Instituto de Pesquisas Tecnológicas e os outros não chegaram a ser criados sinão na administração Gonçalves Carneiro, os quais funcionam em outros prédios. No entanto sempre funcionou no Museu um serviço de identificação de madeira, e foi-lhe anexado um laboratório de Botânica e Ecologia Florestal que funciona desde 1950.

oooooo
oooo
oo
o

ANEXO IV – Recorte da notícia do assassinato de Octávio Vecchi, ocorrido em 09 de janeiro de 1932 publicada na revista carioca de tiragem semana *A Noite Ilustrada*.

BARBARO CRIME na CAPITAL PAULISTA

O assassinato do Director do HORTO FLORESTAL

UM crime brutal, praticado por um individuo de instinctos sanguinarios e perversos, emocionou, ha dias, a capital paulista. O Horto Florestal, na Cantareira, foi o theatro em que se desenrolou a impressionante tragedia. O Dr. Octavio Vecchi, director do Serviço Florestal do Estado de São Paulo, admoestára varias vezes o administrador da Fazenda Chapadão, Francisco de Paula Leme, em virtude de constantes desidias e arbitrariedades pelo mesmo praticados. Como não conseguisse, com essas advertencias, que o serviço melhorasse, o Dr. Octavio Vecchi notificou o máo administrador de que ja demittil-o desse cargo. Francisco de Paula Leme, cheio de rancor, jurou vingar-se. Armou-se com um revólver, montou a cavallo e dirigiu-se ao Horto Florestal, declarando que desejava falar ao director. Antes de ser recebido, esteve conversando, na sala de espera, com alguns funccionarios, sem revelar o sinistro intuito que ali o conduzira e apparentando a mais completa calma. Admittido na sala do director, sem dizer uma palavra, despejou toda a carga do revólver contra o Dr. Octavio Vecchi, pulou por uma janella e deitou a correr, sendo preso, então, pelos guardas do Horto Florestal.

O barbaro crime causou a mais viva indignação na sociedade paulista, da qual o morto era figura de destaque.

Ao alto, o criminoso, quando era conduzido para a prisão, por agentes de policia; no centro, o cadaver do assassinado, no local do crime; em baixo, a ultima photographia do Dr. Octavio Vecchi, director do Serviço Florestal do Estado de São Paulo.

ANEXO V – Transcrição da versão traduzida da carta enviada pelo reitor da Universidade de Hiroshima em 1951.

UNIVERSIDADE DE HIROSHIMA
Cidade de Hiroshima, Japão
25 de janeiro de 1951

Prezado Senhor Reitor:

Na qualidade de reitor da Universidade de Hiroshima, situada no centro de Hiroshima, famosa em todo o mundo como "Cidade Atingida Pela Bomba Atômica" e designada, pela Dieta Japonesa, como "Cidade Comemorativa da Eterna Paz", estou escrevendo a um grande número de universidades de todo o mundo. Assim, inclui especialmente em minha lista a vossa Universidade, a fim de solicitar vosso auxílio para a grande tarefa de reconstrução em que aqui estamos empenhados.

Desde que vim para esta Universidade, em abril do ano passado, tenho feito todos os esforços possíveis no sentido de rejuvenescê-la, transformando-a numa universidade da paz, como centro cultural e espiritual de uma cidade de paz.
Permita que me detenha um pouco em alguns dos meus assuntos pessoais. Imediatamente após o término das hostilidades renunciei à minha carreira acadêmica e entrei para a vida política. Participei do estabelecimento da nova Constituição do Japão, como membro da Câmara de Representantes e presidente do Comitê de Pesquisa Política do Partido Socialista. Como Ministro da Educação, nos Gabinetes Katayama e Ashida, estive ativamente empenhado na reforma drástica do sistema educacional japonês.

Foi, principalmente, pelas seguintes razões que renunciei ao posto de membro da Câmara de Representantes a ao meu partido político, a fim de tornar-me reitor desta Universidade:

1. Estava firmemente persuadido de que o estabelecimento de um Novo Japão dependia, fundamentalmente, da educação da juventude, isto é, da educação de um novo povo. Com o advento da era Meiji, o Japão lançou-se a notável revolução nos campos da política e da indústria, mas jamais teve verdadeiro renascimento ou reforma social, no sentido estrito da palavra, como os experimentados pelos povos europeus. O Japão necessita, acima de tudo, de uma revolução espiritual ou humana, que torne sólidas as bases de nossa nova Constituição;

2. A fim de criar uma cidade pacífica, nada é mais importante, para o povo de Hiroshima, do que alimentar pensamentos pacíficos, bem como o desejo de realizar uma paz permanente. Esses pensamentos basear-se-ão na lembrança, sempre presente, de uma cidade devastada por bomba, o que constituiu uma tragédia tão grave e eloqüente como jamais se teve notícia.

Penso que isso é tanto mais necessário quanto me lembro de que, desde meados da Era Meiji, Hiroshima foi um dos nossos principais centros militares. Julgo, pois, que a nossa Universidade tem a importante responsabilidade de ser um centro espiritual para a cidade. É extremamente urgente a realização dessa

responsabilidade, mas é ela, também difícil de atingir-se, em vista da situação atual, tanto aqui no país, como no exterior.

Material e espiritualmente, o estabelecimento de uma Universidade de Paz constitui tarefa hercúlea, como o é a de manter o mundo em paz duradoura. Os cidadãos da cidade e da prefeitura de Hiroshima, apoiados pelo Governo Nacional e pela seção de Informação e Educação Civil, estão cooperando neste empreendimento. Devido, porém, às severas circunstâncias existentes no Japão, desde a rendição, tal trabalho se processa lentamente.

Além disso, creio ser esse, por si só, um projeto bastante significativo, por permitir que tantas universidades do mundo cooperem no estabelecimento de uma Universidade da Paz, numa cidade considerada, com tanta freqüência, como sendo a Meca do movimento mundial a favor da paz. É por essa razão que gostaria de solicitar a vossa assistência em prol da reconstrução da nossa Universidade. E essa cooperação, embora possa não representar muito, do ponto de vista econômico, será de profunda significação, do ponto de vista espiritual, ao contribuir para a compreensão internacional e a paz permanente do mundo. Será isso benéfico não apenas aos estudantes e professores da Universidade que recebe tal auxílio, mas também às universidades que o oferecem.

Sei, contudo, que, em todos os países, nem sempre as Universidades dispõem de verbas amplas para a sua própria manutenção, de modo que desejo acentuar mais o caráter de assistência moral e de encorajamento que tal auxílio representaria do que o significado das contribuições materiais. Apreciaria muitíssimo se aceitásseis uma das duas sugestões seguintes, ou ambas:

1. Desejo estabelecer, em nossa Universidade, um instituto de pesquisas de problemas relacionados com a paz internacional. Como fase inicial desse programa, pretendo reunir livros e publicações relativas aos problemas da paz. Esta é também uma tarefa gigantesca para a Universidade de Hiroshima, a qual, durante a guerra perdeu completamente a sua biblioteca central, bem como todo o seu acervo de obras. Desejo vossa ajuda nesse empreendimento. Ficaria muitíssimo satisfeito se a vossa Universidade nos enviasse um livro, ou folheto – quanto mais, naturalmente, melhor – considerado de valor pela vossa Universidade ou digno de nota pelo vosso país. Faremos neles uma inscrição com o nome de vossa Universidade, em memória de nossa boa vontade, conservando-os permanentemente na "biblioteca internacional da paz" de nossa Universidade. A leitura desses livros e, com efeito, a sua própria existência em nossa biblioteca, creio eu, criará e manterá, indubitavelmente, uma atmosfera de amizade internacional, de acordo com os sentimentos que prevalecem na Universidade da Paz.

Nossa Universidade consiste de faculdades que abrangem os campos da Literatura, Economia-política, Educação, Ciências, Engenharia, Pesca e Criação de animais. Se, portanto, vossa Universidade possuir, além de livros referentes a problemas da paz, quaisquer obras disponíveis nesses campos de estudo e puder reservá-los para nós, isso seria grandemente apreciado.

2. Gostaria de pedir a vossa cooperação no plano de "reverdecimento" de nossa Universidade. Fui tomado de surpresa, quando vim para Hiroshima pela primeira vez, após o término da guerra, ao ver os edifícios meio construídos da Universidade ao meio da paisagem nua e desolada, destituída de uma única árvore

de folhas verdes, exatamente como se encontravam outras partes da cidade. De modo que elaborei um plano destinado a "reverdecer" o campus da Universidade, transformando-o – da sua totalidade rubra e ferruginosa – num verde fresco e viçoso. Nada de vermelho, simbolizando luta e derramamento de sangue, mas verde, que é a cor do crescimento e da esperança, pois creio que essa deveria ser a cor da nossa Universidade.

Gostaria de pedir-vos que nos auxiliásseis, também, nesse programa. Levando-se em conta que milhares de alunos que estudam em nossa Universidade (pois há nela 4.500 alunos) observarão que a árvore sob cuja sombra estiveram descansado foi enviada através da boa vontade da universidade "A"; que a alameda ao longo da qual estiverem caminhando foi plantada mediante as dádivas das universidades "B" e "C" e que as cercas vivas, cobertas de lindas flores, são um símbolo da amizade da universidade "D", é fácil de imaginar-se a nova inspiração, para a amizade internacional, que disso poderá resultar. Acaso não seria isso mais poderoso do que milhares de palavras ou uma série de discursos destinados a cultivar o espírito de amor na mente dos estudantes?

Alimentando tal sonho em meu espírito, rogo-vos nos envieis uma pequena árvore que caracterize o vosso país ou a vossa universidade. Contudo, nas atuais condições, isso poderia ser, de certo modo, difícil. Caso fosse impossível, algumas sementes da mesma árvore poderiam substitui-la. Quanto a nós, faremos o melhor possível, para as semear e cultivar. Se mesmo isso não for possível, poderíamos procurar uma pequena árvore, aqui em Hiroshima, de acordo com vosso desejo e com a verba que para isso destinardes. Neste caso teria de enviar-nos uma soma em dinheiro, correspondentes a três dólares americanos, para cada árvore e a respectiva tabuleta, mostrando o nome do doador. Ser-nos-á de grande auxílio se a espécie da árvore for indicada. Se a árvore por vós indicada não puder suportar o clima ou o solo de Hiroshima, permitiríeis que escolhêssemos uma outra que a substituísse, de acordo com o conselho de nossos professores especializados em horticultura? A árvore que acaso pudésseis dar, seria longamente lembrada pela tabuleta a ela apensa, com o nome de vossa Universidade, junto ao da própria árvore.

Em vista da crítica situação internacional, desejo caminhar na direção do slogan "Nada de novas Hiroshimas". Para isso, peço vossa assistência, no sentido de criar-se esta Universidade não só como uma universidade da paz, mas, também, como centro espiritual para a "Cidade Atômica da Paz".

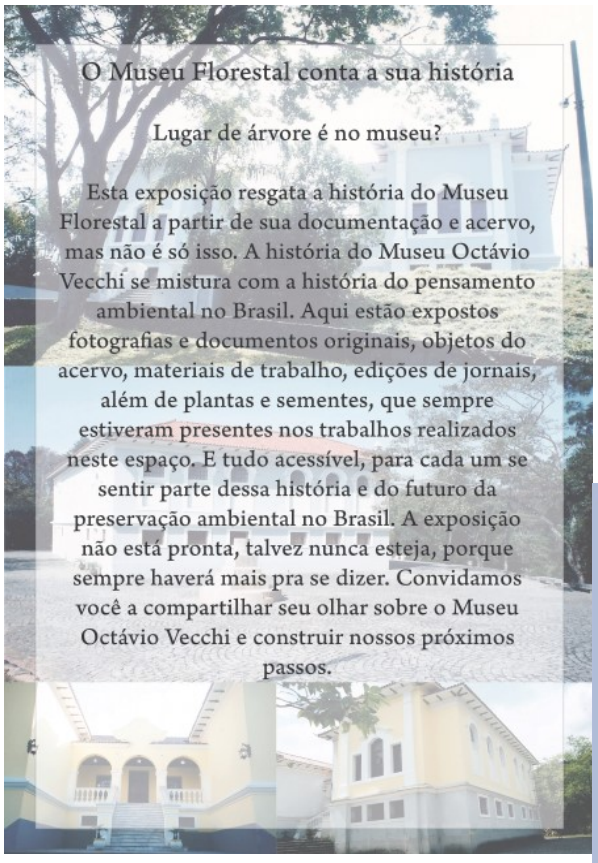
Com os meus melhores votos para a prosperidade de vossa Universidade e a difusão do espírito de amor à paz, espero que se iniciem uma ligação cordial e um espírito de cooperação entre a vossa Universidade e a nossa.

Sinceramente vosso,

Tatsuo Morito
Reitor da Universidade de Hiroshima

ANEXO VI – Reprodução dos textos de parede utilizados na exposição.

Texto de abertura:



Fim de século e início de um novo tempo

O final do século XIX trouxe grandes mudanças na história do Brasil. Com a abolição da escravatura (1888), a proclamação da República (1889) e a chegada de imigrantes europeus para trabalhar nas fazendas, São Paulo se torna o maior expoente da cafeicultura brasileira, que produzia ¾ do café consumido no mundo. A cidade crescia e precisava de ferrovias para ligar o centro a áreas como a Serra da Cantareira, de onde saía um sistema de canalização de água. A famosa Maria Fumaça fazia sua última parada na estação Horto Florestal, dentro do parque.

Para afastar a imagem de uma São Paulo atrasada, cientistas e pesquisadores fundam em 1886 a Comissão Geográfica e Geológica (CGG). O órgão estudava o clima, o solo e a flora locais para orientar a exploração de madeira e indicar as melhores terras para o plantio do café, além de ser responsável pelo Horto Botânico. Nela trabalharam o norte-americano Orville Derby e o sueco Alberto Löfgren, que hoje dá nome ao Horto.

Maria Fumaça, que levava materiais de construção para as muitas obras da cidade de São Paulo durante a primeira metade do século XX

Primeira equipe da CGG, com Alberto Loefgren (canto superior direito) e Orville Derby (segundo sentado à esquerda)

Estação ferroviária que passava pelo Horto Florestal e foi desativada na década de 1960

Desde quando pensamos nas árvores?

Em 1911 a Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo cria o Serviço Florestal, que mais tarde passa a se chamar Instituto Florestal. Seu primeiro diretor foi Edmundo Navarro de Andrade, especialista em eucaliptos que pesquisava árvores de rápido crescimento para a Companhia de Estradas de Ferro. A instituição começa a distribuir mudas pelas unidades regionais do SF e é criada a Guarda Florestal para fiscalizar a retirada de madeiras da Serra da Cantareira.

Octávio Vecchi: vida dedicada à preservação ambiental

Nascido em Lisboa em 1878, Octávio Felix Rabello de Andrade Vecchi abandonou a carreira de cantor de fado para se formar engenheiro. Vecchi segue para a Escola Nacional de Agricultura, em Coimbra, onde recebe o convite de Edmundo Navarro de Andrade para trabalhar no Brasil. Chega a São Paulo em 1911 para auxiliar nos hortos florestais do interior do estado. Aqui ele se especializou em silvicultura e na flora de madeiras, e escreveu os livros "Le bois indigènes de São Paulo" e "Os Eucalyptos" juntamente com Navarro de Andrade, em 1916 e 1918. Após ser diretor do Horto Florestal de Loreto, o agrônomo se naturaliza brasileiro e se torna diretor do Serviço Florestal em 1928, quando dá início à construção do Museu Florestal. Foi ele quem assinou as plantas do edifício e detalhou os desenhos para o andar superior, além dos espaços para quadros e pranchas de madeira. Após a morte de Octávio Vecchi, em 1932, o botânico Francisco Carlos Hoehne dá o nome de Cyclolobium vecchi à árvore Louveira, e em 1948 o governador Adhemar de Barros faz uma homenagem no nome do Museu Florestal Octávio Vecchi.

Logo do Serviço Florestal, que pode ser visto em diversos objetos do Museu Octávio Vecchi

Edmundo Navarro de Andrade, primeiro diretor do Serviço Florestal

Vecchi em uma de suas pesquisas de campo

Octávio Vecchi, agrônomo idealizador do Museu Florestal

O Serviço Florestal e a preservação ambiental

Com a direção de Octávio Vecchi, o Serviço Florestal assume seu papel na preservação do patrimônio natural de São Paulo. Junto com o engenheiro silvicultor Mansueto Koscinski, Vecchi começa os estudos científicos do Horto Florestal, com classificação de essências florestais da Serra da Cantareira e a criação da Seção Técnica, responsável por cursos de silvicultura e pelo Museu Florestal, que devia organizar os mostruários, conservar o patrimônio e acompanhar visitas. Outra seção importante era a de Sementes, que mantinha estufas, estudava as espécies e distribuía mudas para áreas públicas do estado. Em 1938, o governo brasileiro lança uma campanha pelo reflorestamento, fazendo com que muitos interessados buscassem orientações no SF. O número de mudas distribuídas chegou a 3 milhões.

Plantio e estudo do desenvolvimento de espécies nativas

Plantio e estudo do desenvolvimento de espécies nativas

Plantio e estudo do desenvolvimento de espécies nativas

Plantio e estudo do desenvolvimento de espécies nativas

1931: Fundação do Museu Florestal

A construção do Museu Florestal começou em março de 1928 com projetos de Octávio Vecchi e Dr. Mario Wately. Também em 1928 foi instalado o posto meteorológico no Horto Florestal, que mais tarde mudaria de lugar. A inauguração aconteceu em 1º de outubro de 1931, com presença de artistas e políticos da cidade. O prédio tem estilo neocolonial e cerca de 1.000 m^2 de área construída. No piso superior fica a exposição permanente, com objetos do acervo. Já o piso térreo recebe exposições temporárias, oficinas e cursos. A placa da inauguração está no bloco de granito ao lado do Museu que marca a passagem do Trópico de Capricórnio.

Os artistas que passaram por aqui...

O ambiente do Museu Florestal conta com trabalho de artistas como Antonio Paim, que pintou o mural na sala principal do piso superior, e Helios Seelinger, pintor do quadro tríptico, que mostra diferentes momentos da história de São Paulo.
Outro artista importante foi Antonio Oppido, que criou grande parte das obras do Museu, como as pranchas de madeira. Oppido se tornou entalhador oficial do Estado de São Paulo em 1937, cargo que deixou de existir após sua aposentadoria, em 1967. Para homenageá-lo, as áreas do térreo passaram a se chamar "Espaço Cultural Antonio Oppido".

Plantio de mudas para estudo e distribuição

Antonio Oppido e três de suas pranchas

Equipe da sessão técnica 1939

O Museu faz escola

Diversos cursos passaram pelo Museu Florestal. Conheça alguns deles!

Xilografia: A primeira turma foi organizada em 1940, composta de jovens trabalhadores do Serviço Florestal e habitantes da região. As aulas eram ministradas pelo alemão Adolf Kohler, que chegou ao Brasil em 1927 e ensinou sua arte até o fim da vida.

Charão: Inaugurada em 1959 em instalações improvisadas, a escola ensinava a técnica milenar oriental de laquear objetos, trazida ao Brasil pela japonesa Ryoichi Nakayama. Funcionou durante 20 anos.

O que vem por aí:

O Museu Florestal passou por duas reformas. Na primeira (1974-1975), ampliou-se o pavimento inferior ao rebaixar o piso. A segunda aconteceu em 1998, depois de dois anos de interdição devido a problemas na cobertura. Em junho de 2000 o Museu foi reaberto para o público com uma exposição dedicada a resgatar a memória do pensamento ambiental no Instituto Florestal e em São Paulo. Assim começou uma nova fase para o Museu Florestal, com incentivo às exposições temporárias, a cursos e oficinas e, principalmente, à educação ambiental para todos.

Obrigado pela visita!

Em diálogo com as vitrines e peças que trazem amostras das produções artísticas que compõem o acervo.

ANEXO VII – Questionários sobre a exposição.

Entrevistada: Vanessa França (estagiária do curso de História)

1. Quais eram os objetivos da exposição? Eles foram alcançados?
   A proposta da exposição era levar a história do Museu Florestal para todos os tipos de público, de maneira simples e divertida. Acredito que atingimos nosso objetivo inicial, recebendo grupos agendados e freqüentadores do parque durante toda a semana, sempre com um bom atendimento, tirando dúvidas e incentivando os visitantes a interagir com o espaço, tirar fotos, etc.

2. Que abordagens atingiram melhor o público?
   A “mesa do pesquisador”, cenário montado para o público tirar fotos, foi a abordagem de maior sucesso. Além do público infantil, que era o esperado inicialmente, a idéia agradou jovens e adultos de todas as idades, que fotografavam sozinhos ou em grupos. Os objetos usados para a caracterização completaram a experiência. Outra abordagem bem sucedida foi o espaço infantil, com folhas e material de desenho, e livros de histórias do folclore brasileiro.

3. O que poderia ser melhorado? Por quê?
   A divulgação do evento poderia ter sido mais intensa, com convites para escolas, ONGs e outras instituições, notas nos sites oficiais do Instituto e cartazes em pontos do parque, como playground e quadras.

4. Que dificuldades encontrou durante a produção do evento?
   Tivemos dificuldades com a falta de eletricidade em alguns períodos, com o planejamento e, principalmente, com a escolha do visual e dos objetos a serem expostos.

5. Como foi a preparação e execução das oficinas?
   As oficinas foram planejadas pelos próprios convidados, que decidiam os materiais necessários e o tempo de cada atividade. Durante a

Semana de Museus, as oficinas foram realizadas segundo o previsto e tiveram ótima acolhida pelos participantes.

6. As oficinas tiveram o resultado esperado?
   Sim, conseguimos atender o público, levando aulas para crianças e adultos, enriquecendo a programação do Museu e colaborando com a divulgação de informações das organizações convidadas.

Entrevistada: Yanasha Carolina da Costa (estagiária de ensino médio)

1. Quais eram os objetivos da exposição? Eles foram alcançados?
   O objetivo da exposição era mostra ao publico a historia do museu, de um modo divertido. Sim.
   Que abordagens atingiram melhor o público?
   A mesa do pesquisador, cenário montado para o público tirar fotos, agradou a todos, resumindo foi um sucesso.
2. O que poderia ser melhorado? Por quê?
   A organização, por que muita coisa foi deixada para á ultima hora, faltou comunicação dos funcionários.
3. Que dificuldades encontrou durante a produção do evento?
   Em alguns momentos faltou luz, deveríamos ter conversado mais sobre tudo, mas principalmente sobre as obras que iriam ser expostas.

4. Como foi a preparação e execução das oficinas?
   As oficinas foram planejadas pelos próprios convidados, que decidiam os materiais necessários e o tempo de cada atividade. Durante a Semana de Museus, as oficinas foram realizadas segundo o previsto e tiveram ótima acolhida pelos participantes.

5. As oficinas tiveram o resultado esperado?
   Sim, o publico foi bem atendido, levando aulas para crianças e adultos, a programação do Museu foi bem planejada.

LISTA DE ANEXOS

ANEXO I - Recorte com a notícia sobre a inauguração do Museu Florestal publicado no jornal *Diário Nacional* de Terça-Feira, dia 29 de setembro de 1931…. p. 131

ANEXO II – Transcrição do documento “Contribuição para justificação da criação do Museu”, 1948 assinado por Mansueto Estanislau Koscinski .. p.132.

ANEXO III – Transcrição do documento “Guia pelo Museu Florestal Octávio Vecchi do Serviço Florestal Do Estado S.Paulo – Brasil”, elaborado por Dom Bento Pickel, 1954. …….. p. 135.

ANEXO IV – Recorte da notícia do assassinato de Octávio Vecchi, ocorrido em 09 de janeiro de 1932 publicada na revista carioca de tiragem semana *A Noite Ilustrada*. ….. p.141.

ANEXO V - Transcrição da versão traduzida da carta enviada pelo Reitor da Universidade de Hiroshima em 1951… p. 142.

ANEXO VI – Reprodução dos textos de parede utilizados na exposição ….. p.145

ANEXO VII – Questionários sobre a exposição….. p. 151.